

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

AS MULHERES DE CHURCHILL:  
ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA MARINHA E  
AERONÁUTICA BRITÂNICAS DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Trabalho apresentado em exigência ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, para a obtenção do grau de Mestre em História.

Ana Claudia de Rezende Costa Dutra e Mello

Profa. Orientadora: Miriam Cabral Coser.

2015

## FICHA CATALOGRÁFICA

MELLO, Ana Claudia de Rezende Costa Dutra e.

*As Mulheres de Churchill: Análise da participação feminina na Marinha e Aeronáutica britânicas durante a Segunda Guerra Mundial.* Ana Claudia de Rezende Costa Dutra e Mello. – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, 2015.

186f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Cabral Coser.

Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Urca, Rio de Janeiro, 2015.

1 - Mulheres na Guerra. 2 – História do Gênero. 3 – Relações de Gênero. 4 – Segunda Guerra Mundial. I – COSER, Miriam Cabral. II – *As Mulheres de Churchill: Análise da participação feminina na Marinha e Aeronáutica britânicas durante a Segunda Guerra Mundial.*

ANA CLAUDIA DE REZENDE COSTA DUTRA E MELLO

AS MULHERES DE CHURCHILL:  
ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA MARINHA E AERONÁUTICA  
BRITÂNICAS DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Trabalho apresentado em exigência ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, para a obtenção do grau de Mestre em História.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Dra. Miriam Cabral Coser  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

---

Dra. Suely Gomes da Costa  
Universidade Federal Fluminense – UFF

---

Dr. Paulo André Leila Parente  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

## DEDICATÓRIA

Há muitos para quem esta obra poderia ser dedicada, por todo apoio emocional e profissional que recebi durante estes dois longos anos de preparo para a dissertação. De modo mais geral, esta obra não poderia deixar de ser dedicada à minha família, em especial ao meu pai, que tanto me apoiou e incentivou durante todos os anos de minha vida e sem o qual este trabalho não poderia ter sido concretizado. Por seus anseios, encorajamento, amparo e amor, o meu muito obrigada. Todavia, minha formação e empenho durante longo oito anos no campo da História se deveu a uma pessoa particularmente especial, inesquecível e única. Esta obra é dedicada inteiramente à minha mãe, Kátia Maria de Rezende Costa, que infelizmente nos deixou no auge de sua vida e não pôde me acompanhar neste processo de formação e que tanto me serviu como exemplo e norte para vida. Meu amor e minha disciplina quanto à vida pessoal e acadêmica, são fundamentados nos passos tão cautelosos e carinhosos ensinados por ela. Se hoje consigo estar onde estou e ser forte como nunca imaginei ser, o sou por causa dela. Obrigado seria pouco para tudo aquilo que eu lhe tenho como gratidão. Por último, dedico este trabalho àquelas mulheres que participaram desta guerra e de tantas outras e que ainda possuem muito a se contar.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus familiares, pelo apoio, amor e paciência durante estes anos de produção, em especial ao meu pai Gelso Arthur F. D. e Mello, à minha avó Olga de Almeida Costa e ao meu querido irmão Arthur de Rezende C. Dutra e Mello que tanto me aliviou dores e angústias.

Agradeço à Neuza Maria Sgró, por tantos anos de companheirismo e zelo, com suas risadas e palavras mais do que reconfortantes.

Agradeço aos meus tios Cláudio Luiz de R. Costa e Luzia de R. Costa, e Márcia Fischer e Carlos Fischer, às minhas queridas primas Caroline G. R. Costa e Carine G. R. Costa e aos meus primos Rafael Fischer e Pedro Fischer.

Agradeço ao meu querido amigo Daniel Albino da Silva, cuja amizade de longos oito anos serve-me até hoje como alicerce e incentivo para continuar este tortuoso caminho.

Agradeço à minha orientadora, Miriam Cabral Coser, por toda a ajuda profissional e emocional, por toda paciência e zelo em orientar este trabalho e aconselhar-me em muito daquilo que daqui em diante, escolherei como caminho.

À tantos outros amigos e colegas que sempre me apoiaram e que aqui posso estar cometendo a indelicadeza de mencionar e sem os quais este trabalho não teria sido possível: em especial às minhas amigas tão queridas e amadas Manuela Mello, Ludmila Aguiar, Clarisse Castro e Flávia Kingsbury; à Luana Vitor e Virginia Mattoso por todo zelo, conforto e risadas; à Luciano C. Rossato, Fernanda Haag, Tatiana Antunes, Sandra Martins e Mariana Suzuki pelo carinho e acompanhamento e à Cel. Luiz Carneiro de Paula pelo carinho e pelas palavras sábias.

As mulheres serviram todos estes séculos como espelhos possuindo o poder de refletir a figura do homem duas vezes maior que seu tamanho natural.

Virgínia Woolf (1882 – 1941)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a participação das mulheres que atuaram na Marinha e na Força Aérea britânicas durante a Segunda Guerra Mundial. Entre os anos de 1939 e 1945, mulheres de toda a Grã-Bretanha foram convocadas a servirem junto ao esforço de guerra e incentivadas a se alistarem nos serviços auxiliares das forças armadas, assumindo posições que antes não desempenhavam socialmente. Com base na teoria da politização das relações de gênero, a entrada das mulheres nas forças armadas e sua ambientação serão analisadas a partir do conceito de *habitus* e de *capital* desenvolvidos por Pierre Bourdieu e, com base nos estudos de Foucault sobre a docilização dos corpos, será possível compreender os processos de seleção, treinamento e doutrinação pelos quais as mesmas passaram. A partir desses estudos será possível fundamentar as constantes adaptações sofridas por esses órgãos auxiliares que as recebiam, assim como perceber como o próprio contexto das relações de gênero se moldava às novas urgências do esforço de guerra.

## **ABSTRACT**

This work analyses the participation of women who served in the British Royal Navy and Royal Air Force during World War II. Between the years 1939 and 1945, women throughout Britain were called to serve in the war effort and encouraged to enlist in the auxiliary services of the armed forces, taking positions that they previously did not play socially. Based on the theory of the politicization of gender relations, women's entry into the armed forces will be analysed based on the habitus and capital concepts developed by Pierre Bourdieu and, based on Foucault's docile bodies studies, it will be possible to understand the selection, training and indoctrination process through which they passed. That allowed us to state the constant adaptations afforded by these auxiliary forces, and see how the proper context of gender relations are shaped to the new urgencies of the war effort.



## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

- Fotografia 1 – Votes for Women. Reino Unido, 1912.** Fonte: The Guardian - <http://www.theguardian.com/theguardian/2012/feb/07/archive-1918-some-but-not-all-women-get-vote>..... 33
- Fotografia 2 - Cozinheiras da WRAF preparando uma refeição teste, em uma manhã de treinamento.** Fotógrafo desconhecido. Fonte: Imperial War Museum: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205317509>..... 50
- Fotografia 3 – Costureiras da WRAF na produção de balões de barragem.** Fotógrafo desconhecido Fonte:Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205090939>..... 50
- Fotografia 4- Princess Elizabeth Undergoing Instruction at the ATS, 1945.** Fotógrafo oficial do Exército Major Horton W. G. Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205127875>..... 55
- Fotografia 5 – Princesa Elizabeth trocando pneu de uma caminhonete, 1945.** Fotógrafo desconhecido. Fonte: The Daily Telegraph - <http://www.dailytelegraph.com.au/photos-e6freuy9-1226164731530?page=13> ..... 56
- Fotografia 6 – A.T.S Recruit** Fotógrafo: Desconhecido Fonte: ROSS, Stewart. **Women’s War – At Home in World War Two.** Londres: Evans Brothers, 2007 ..... 61
- Fotografia 7 – Dama Katharina Furse Diretora das WRENS, 1917** Escritório D.W.R.E.N.S., 1917 Fonte: Imperial War Museum <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205254058>..... 69
- Fotografia 8 – Physical Training fo Happy Wrens** Fonte: Imperial War Museum Collecions Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/20513903396>
- Fotografia 9 – Instruction by the Sergeant of Marines, 1940.** Fotógrafo: Tomlin, H. M. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205136050>..... 97
- Fotografia 10 – WRNS At Work at the Rifle Range, 1940.** Fotógrafo: Tomlin, H. M. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205136049>..... 98
- Fotografia 11 - Mrs Laughton-Mathews inspecting WRNS, 1942.** Fotógrafo: Priest, L.C. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205142997>..... 99

<b>Fotografia 12</b> - Mrs Laughton-Mathews inspecting WRNS, 1942. Fotógrafo: Priest, L.C. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205142996">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205142996</a> .....	99
<b>Fotografia 13</b> - The Admiral shaking hands with WRNS officers. Fotógrafo: Zimmerman, E. A. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205142899">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205142899</a> .....	100
<b>Fotografia 14</b> – Veronica Owen.....	111
<b>Fotografia 15</b> – Wrens do setor de comunicações trabalham na estação de Portsmouth. .....	113
<b>Fotografia 16</b> - WRNS radio mechanics carrying wireless apparatus to a naval aircraft, 1942. Fotógrafo: Priest, L. C. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205143000">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205143000</a> .....	114
<b>Fotografia 17</b> - WRNS radio mechanics fitting wireless apparatus to a naval aircraft.1942. Fotógrafo: Priest, L. C. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205143001">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205143001</a> .....	115
<b>Fotografia 18</b> - Petty Officer Wren Drummond cooking. Escócia, 1943. Produtor: Ministry of Information Photo Division Photographer. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205199973">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205199973</a> .....	116
<b>Fotografia 19</b> – WAAF personnel assist recruits Fonte: Imperial War Museum Collections – CH2155 Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205212710">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205212710</a> .....	12521.
<b>Fotografia 20</b> – Desfile WAAF, 1939.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>

<b>Propaganda 1</b> – <b>The Greatest Mother in The World, 1917.</b> Artista: Alonzo E. Foronger. Fonte: <a href="http://www.warandgender.com/5_fig010.jpg">http://www.warandgender.com/5_fig010.jpg</a> .....	37
<b>Propaganda 2</b> – <b>Thou, to Whom.</b> Publicado por Bamforth&Co: Inglaterra Fonte: <a href="http://www.nurse-entrepreneur-network.com/public/viewimage.cfm?imgid=84">http://www.nurse-entrepreneur-network.com/public/viewimage.cfm?imgid=84</a> .....	38
<b>Propaganda 3</b> – <b>Men Of Britain! Would you Stand This?</b> Fonte: <a href="https://roberthorvat30.wordpress.com/2014/09/14/a-history-of-the-first-world-war-in-one-hundred-blogs-no-6-the-poster-art-of-war-propaganda/">https://roberthorvat30.wordpress.com/2014/09/14/a-history-of-the-first-world-war-in-one-hundred-blogs-no-6-the-poster-art-of-war-propaganda/</a> .....	39

<b>Propaganda 4 – Women Urgently Wanted for the W.A.A.C</b> Autoria Desconhecida Fonte: Imperial War Museum: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/31373">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/31373</a>	42
<b>Propaganda 5 – Women’s Royal Naval Service</b> Artista: Joyce Dennis Fonte: Imperial War Museum - <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/7403">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/7403</a> .....	45
<b>Propaganda 6 – British Women! WRAF</b> Artista desconhecido. Fonte: Imperial War Museum: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/40915">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/40915</a> .....	48
<b>Propaganda 7 – Join The A.T.S</b> Artista: Abram Games Fonte: Imperial War Museum - <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/10227">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/10227</a> .....	60
<b>Propaganda 8 – Fill His Place - Join The A.T.S</b> Autor: Frederick Scott Fonte: Imperial War Museum - <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/24014">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/24014</a> .....	62
<b>Propaganda 9 – Join the Women’s Land Army</b> Artista: Desconhecido Fonte: Imperial War Museum - <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/33507">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/33507</a> .....	64
<b>Propaganda 10 – Join the Wrens and free a man for the fleet.</b> Artista: Desconhecido Fonte: Imperial War Museum - <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/29092">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/29092</a> .....	81
<b>Propaganda 11 – Join The Wrens – We Still Need You.</b> 1944. Artista: Desconhecido Fonte: Imperial War Museum - <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/2909282">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/2909282</a>	
<b>Propaganda 12 – Join the WAAF</b> Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/9763">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/9763</a> .....	125
<b>Propaganda 13 – Serve In The WAAF With The Men Who Fly</b> Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/9764">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/9764</a> .....	125
<b>Figura 1 – “The Shape Of Things To Come”</b> .....	86
<b>Figura 2 – Tabela de Aulas cursadas por Veronica Owen em 1940, Canadá.</b> .....	110
<b>Figura 3 – Layout of a WAAF Kit</b> Fonte: RAF Museum Collecrcions Disponível em: <a href="http://www.rafmuseum.org.uk/research/archive-exhibitions/worth-a-thousand-words-air-diagrams/layout-of-waaf-kit.aspx">http://www.rafmuseum.org.uk/research/archive-exhibitions/worth-a-thousand-words-air-diagrams/layout-of-waaf-kit.aspx</a> .....	125
<b>Figura 4 – Women’s Auxiliary Air Force kitting up</b> Fonte: RAF Museum Collections, Hendon. ....	125

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

A.T.A. – Air Transport Auxiliary.

A.T.S. – Auxiliary Territorial Service.

R.A.F. – Royal Air Force.

R.N. – Royal Navy.

W.A.A.C. – Women's Army Auxiliary Corps.

W.A.A.F. – Women's Auxiliary Air Force.

W.R.A.F. – Women's Royal Air Force.

W.R.N.S. – Women's Royal Navy Service.

W.R.E.N.S. – Women's Royal Navy Service.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
1. AS MULHERES NA SOCIEDADE E NA GUERRA – ESTUDO DO CASO BRITÂNICO .....	25
1. 1. As Mulheres e sua Participação Social no Século XIX. ....	25
1. 2. A Primeira Guerra Mundial.....	33
1.2.1. W.R.N.S. (Women’s Royal Navy Service – 1917-1919) .....	43
1.2.2. W.R.A.F (Women’s Royal Air Force – 1918-1920) .....	46
1. 3. A Segunda Guerra Mundial: novas recrutas .....	51
2. AS MULHERES DO W.R.E.N.S E A EXPERIÊNCIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....	66
2.1 A Declaração da Guerra: entre tradições e recrutamento .....	66
2.2 Entre Treinamentos e Experiências .....	87
3. A REAL FORÇA AÉREA BRITÂNICA E AS MULHERES DO W.A.A.F. ....	120
3.1 Primeiras atuações: W.A.A.F. e a Batalha da Inglaterra.....	124
3.2 WAAF se expande: recrutamento, treinamento e impressões sociais .....	135
3.3 Novos campos de atuação – acima de tudo, mulheres .....	162
CONCLUSÃO .....	183
BIBLIOGRAFIA .....	189

## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar as relações entre poder, habitus, capital simbólico e relações de gênero no processo de seleção, inclusão e atuação das mulheres britânicas em duas instituições militares específicas – Aeronáutica e Marinha – durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Considerada um dos fatos históricos mais imponentes e trágicos da história mundial, a Segunda Grande Guerra é tema que ganha novas pesquisas e perspectivas com o decorrer dos anos. Possuidora de um vasto inventário arquivístico – com produções fílmicas, imagéticas e bibliográficas extensas – tal guerra ainda nos parece um tanto próxima e continua a despertar interesses diversos, tanto entre acadêmicos quanto entre curiosos, fazendo com que novas fontes sejam utilizadas e novos temas sejam apresentados e questionados.

Entretanto, apesar de tais produções, ainda existem temas pouco abordados e pouco explorados sobre o conflito. De fato, estudar a Segunda Guerra Mundial nos leva ao objeto central que desencadeia toda e qualquer pesquisa a seu respeito: a própria guerra. A partir dela pode-se elucidar, caracterizar, explicar e justificar diversos acontecimentos; estudar o comportamento de pessoas, analisar e questionar decisões políticas, etc. Mas é a partir da guerra que conseguimos também, caracterizar a sociedade em seu contexto, os papéis sociais dos indivíduos que dela participaram e foram vítimas e identificar as mudanças político-sociais e culturais deste momento específico.

Dentro desta perspectiva, a proposta deste trabalho pretende abordar um tema não tão divulgado em relação não só à Segunda Guerra Mundial, mas também pouco abordado em planos mais gerais: a questão da inserção feminina nas instituições militares e sua presença durante a guerra. Apesar de já terem participado de guerras anteriores, fosse nos exércitos ou em fábricas, é durante a Segunda Guerra Mundial que a inserção das mulheres em espaços predominantemente masculinos ganha força e atinge números expressivos, como comenta Quérel:

... solicitadas no esforço de guerra e na lógica da guerra total, as mulheres deveriam dar um passo suplementar engajando-se nos exércitos e usando uniforme. A questão não era nova e já havia surgido durante a Primeira Guerra. Alemães, austríacos e franceses eram contra, exceção feita ao emprego

tradicionalmente feminino de enfermeiras, até e inclusive no *front*, mas não na linha de frente.<sup>1</sup>

A Grã-Bretanha foi escolhida para esta pesquisa por ser considerada pioneira ao convocar mulheres para o chamado *home front*, ou esforço de guerra, onde estas atuaram em praticamente todos os setores empregatícios, fosse nos setores econômicos ou nas forças auxiliares militares. Apesar de ter sido a primeira a fazê-lo, com o decorrer da guerra, outros países cediam pouco a pouco em dar às mulheres um espaço de atuação – entendendo que esta inserção era ainda muito complicada pois, mesmo sendo necessitadas para força de trabalho, tanto o governo quanto estas próprias mulheres acabavam lutando contra paradigmas mais fortes que iam contra tal política.

Os trabalhos nas fábricas eram os mais diversos – desde fabricações de roupas à produção de armamentos, bombas, navios e aviões; em serviços auxiliares locais trabalharam como bombeiras, mecânicas, guardas-civis etc.; e servindo em instituições militares nas mais diversas funções – na Aeronáutica produzindo e pilotando aviões de carga e transporte, na Marinha construindo e administrando navios e no Exército dirigindo tanques, fazendo transportes de carga, segurança local, atuando como enfermeiras, etc.

Entretanto, ainda sob análise da afirmativa de Quéstel, é válido pontuar que por mais que estivessem dentro de uma força armada – Aeronáutica, Exército ou Marinha – é de comum acordo dentre os países participantes que tais mulheres não poderiam atuar nas linhas de frente – em outras palavras, estas mesmas mulheres que compunham os órgãos militares não poderiam atuar nestes como combatentes durante a Segunda Guerra Mundial<sup>2</sup>.

É neste sentido que este trabalho também pretende caminhar, partindo das concepções sociais acerca da aceitação feminina dentro das instituições militares, identificando as dificuldades de seleção e atuação de tais mulheres que lutavam tanto contra os ideais civis da função social da mulher e seu papel, quanto por um reconhecimento dentre os integrantes das próprias forças em que atuavam – pois mesmo sendo aceitas em tais instituições, ainda eram passíveis de preconceitos e discriminações.

---

<sup>1</sup> QUÉSTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra. 1939-1945**. Larousse do Brasil: São Paulo, 2009. Página 138, V.2.

<sup>2</sup> Neste caso é importante salientar que tais mulheres não atuaram na linha de frente oficialmente, mas muitas estiveram nas guerras de resistência. As únicas que o fizeram oficialmente foram as mulheres da União Soviética que atuaram como *snipers* (atiradoras de elite) e que compuseram regimentos de bombardeio exclusivamente femininos: o mais famoso ficaria conhecido como *Nachthexen*, ou Feiticeiras da Noite.

Os órgãos militares inicialmente escolhidos para a pesquisa são dois: o W.A.A.F (*Women's Auxiliary Air Force*) e o W.R.N.S (*Women's Royal Navy Service*), da Aeronáutica e Marinha, respectivamente. Por esta razão o recorte temporal escolhido para o trabalho coincide com a criação e reativação de tais órgãos e com o próprio período de guerra, entre os anos de 1939 a 1945. Contudo, menções à outros órgãos serão feitas com o objetivo de comparação – todos, órgãos britânicos.

*As Mulheres na Sociedade e na Guerra*, título principal dado ao Capítulo 1, abordará, com maior cuidado, as movimentações sociais do século XIX e o papel da mulher em sociedade neste período fazendo um paralelo sobre os movimentos feministas na Europa e a mudança de concepções na política, literatura e na vida pública em geral – uma contextualização sobre o panorama da dita “vida privada” *versus* “vida pública”, onde esta suposta transição do primeiro para o segundo, seria algo a ser conquistado pelas mulheres deste tempo. Essa análise é significativa para outro ponto central do capítulo que pretende analisar os desdobramentos e o impacto da Primeira Grande Guerra para a sociedade do século XX e, em especial, para as mulheres.

Já tendo certa atuação no espaço público, com alguns avanços políticos e sociais, as mulheres na Grã-Bretanha são convocadas – não a primeira vez – para comporem as bases do esforço de guerra e liberarem os homens para os campos de batalha. Substituem a mão de obra masculina em manufaturas, fábricas, serviços públicos, segurança e atuam, junto às forças, como enfermeiras e em serviços auxiliares. Cartazes e propagandas traziam estampadas a ideia da libertação da mulher associada à sua ajuda e participação na guerra. Como base de contextualização para os dois capítulos seguintes, órgãos militares auxiliares criados neste período serão analisados desde sua formação até sua desmobilização ao final do conflito – inclusive os órgãos centrais escolhidos para este trabalho já que estes têm sua fundação no início da Primeira Grande Guerra. Depoimentos, fotografias e imagens serão utilizados aqui para apresentar um século que começara seus anos iniciais de forma mais nebulosa.

Como conclusão para este capítulo em especial e para a contextualização dos seguintes, um panorama sobre o período entre guerras e seu impacto nas relações de gênero será abordado a partir de uma discussão historiográfica que pretenderá trazer ideais sobre um certo “avanço” ou “retrocesso” na posição social da mulher no século XX, e ainda, como o impacto de uma guerra, de proporções mundiais ainda não vista, poderia mudar a relação social e cultural como um todo. Historiadores como Bader-Zaar, Michelle Perrot,



Claude Quétel e Françoise Thebàud foram utilizados para fundamentar o debate entre o papel social e relações de gênero neste período.

Uma breve introdução sobre as movimentações vistas para a Segunda Guerra Mundial em mesmo sentido e a reativação de alguns órgãos militares formados na guerra anterior abrirão caminho para as próximas análises, mais particulares.

O Capítulo 2 aborda de forma específica a reativação e estrutura do *Women's Royal Navy Service*, identificado pela sigla W.R.E.N.S.<sup>3</sup>. Reativado em abril de 1939, o W.R.E.N.S. tinha como característica principal, servir como um órgão de apoio, com serviços auxiliares à Real Marinha Britânica. Dentre todos os serviços secundários, as mulheres estariam em todas as frentes de atuação menos em combate direto com o inimigo. Assim como visto na Primeira Guerra Mundial, mas mulheres que serviram ao W.R.E.N.S. também sofreriam limitações de atuação em relação ao *front*. Com funções que englobavam tarefas domésticas, serviços meteorológicos, trabalhos técnicos de manutenção mecânica e até mesmo verificação e transporte de torpedos e minas, estariam quase sempre atuando em terra e não em mar, muito menos a bordo de navios de guerra:

Os WRENS tem a reputação de ser um corpo de elite com uma instrução melhor (...) Nada menos de 80 funções lhes são destinadas (...) Nenhum serviço de bordo, contudo, a não ser o dos portos para reabastecimento dos navios de guerra ou, mais raramente, a bordo de barcos de salvamento, com tripulação exclusivamente feminina ou, ainda, a bordo de transportes de tropas<sup>4</sup>

Com mesmo perfil de abordagem e, servindo como base para uma análise comparativa entre órgãos e sobre a participação feminina no conflito, o Capítulo 3 deste trabalho procura inquirir o ingresso das mulheres na aeronáutica, no mesmo período. O W.A.A.F, *Women's Auxiliary Air Service*, criado em Junho de 1939, era o corpo auxiliar da Real Força Aérea Britânica (R.A.F) para tempos de guerra, composto somente por mulheres<sup>5</sup>. Não era uma organização completamente independente e nem diretamente integrado à R.A.F., contudo, suas mulheres poderiam substituir integrantes da R.A.F.

---

<sup>3</sup> Algumas referências a este órgão poderão aparecer sob a sigla WRNS, sem pontuação e sem a letra “E” pois, as duas formas de siglar tal instituição são encontradas e oficialmente aceitas. O uso da letra “E” tornou-se popular a partir da transcrição sonora da forma como se pronunciava “WRNS” já que, este, não possuía vogais.

<sup>4</sup> QUETEL. Idem. p. 139.

<sup>5</sup> Royal Air Force Museum. **Women's Auxiliary Air Force (WAAF) – 1939-1949**. Artigo Digital disponível em: <<http://www.rafmuseum.org.uk/research/online-exhibitions/women-of-the-air-force/womens-auxiliary-air-force-waaf-1939-1949.aspx>>. Acessado em: 03 de Janeiro de 2012.

sempre que fosse necessário, para fins operacionais. As atividades realizadas por estas mulheres eram diversas – programação e organização de vôos, checagem de equipamentos, trabalhavam nas estações aéreas e de radar, contudo, não eram autorizadas a voar e este seria um dos obstáculos encontrados por elas. Para tal, estas mulheres só conseguiriam pilotar aviões se passassem a integrar o *Air Transport Auxiliary*<sup>6</sup> (AFA):

Como nas outras armas, as tarefas das WAAF são numerosas, mas o sonho de muitas delas é voar, e muitas conseguem isso após conseguirem um brevê de pilotagem, adquirido na maioria das vezes antes de seu ingresso no exército. Por não poder fazê-lo nas esquadrilhas de combate, elas integram o ATA, que conduz aviões, de sua saída da fábrica até sua base de destino, ou de uma base a outra.<sup>7</sup>

Os capítulos 2 e 3, portanto, analisam os processos de fundação e estruturação dos órgãos, convocação, voluntariado e impressões sociais do período frente a mobilização de mulheres para compor com as bases do esforço de guerra. Ambos os capítulos primam por estabelecer uma relação da mulher com a guerra e têm por objetivo central analisar a posição da mulher dentro das instituições militares. A proposta de estudo para tal se baseia nas discussões acerca do papel social, da educação, sexualidade e poder – todas fundamentadas em seus respectivos teóricos e conectadas à uma seleção específica de documentos e fontes primárias que auxiliam no entendimento sobre o desempenho destas mulheres ao serem selecionadas para os órgãos militares como, também, nos ajudam a ponderar sobre as contraposições de ideias do senso comum em torno daquilo que se considerava “feminino” e “masculino”.

Pretendendo-se também uma aproximação com o campo da História Militar os conceitos e bibliografias utilizados terão uma nova roupagem analítica para permitir uma perspectiva o processo de incorporação das mulheres na Aeronáutica e Marinha. Este intercâmbio ente os campos históricos permite uma maior compreensão sobre todo o contexto sócio-político-militar britânico que possibilitou o ingresso das mulheres em suas forças armadas.

A maioria das fontes sobre estes dois órgãos específicos (W.A.A.F. e W.R.E.N.S.) e tantos outros estão disponíveis em formato digital em sites oficiais do governo britânico e em sites específicos da Aeronáutica e Marinha. Os locais específicos para busca e análise de fontes utilizadas para este trabalho são o *Imperial War Museum*, *The National Archives*,

---

<sup>6</sup> O ATA não era um corpo exclusivamente feminino como a WAAF, mas mulheres poderiam substituir pilotos de teste e de transporte sempre que fosse necessário.

<sup>7</sup> QUÉTEL. Opt cit. Página 140.

*The Royal Air Force Museum* e *The Royal Navy Museum*. Além das mídias digitais, foram utilizadas fontes e documentos oficiais militares, cada qual de sua força armada específica, que se encontram arquivados somente no *The National Archives*, em Surrey, Inglaterra. Os documentos reproduzidos deste arquivo têm características administrativas e corroboraram para o entendimento da formação do órgão e sua estruturação. Já os documentos reproduzidos do *Imperial War Museum* se caracterizam por serem diários de ex-integrantes e trazerem uma visão mais humana sobre cotidiano de guerra e sobre o dia a dia destas mulheres em ambiente militar, o que torna a análise das relações de gênero mais rica para este propósito.

A seleção de tais fontes foram cautelosas e de forma ampla. Em uma viagem à Londres, Inglaterra, foi possível estar próximo dos documentos oficiais e procurar, com mais vigor, informações que pudessem escapar aos depoimentos e autobiografias, assim como trazer com mais detalhes o cotidiano de guerra que envolvera tais mulheres. Todos os documentos diretamente ligados ou à Marinha ou à Aeronáutica são organizados e catalogados pelo *The National Archives*, onde cada pasta é segmentada por um assunto específico. Alguns documentos dos órgãos auxiliares encontravam-se perdidos em registros das forças da marinha e aeronáutica no geral dificultando um pouco o processo de identificação das mesmas. As pastas de ambos os órgãos encontravam-se em perfeito estado de conservação, com a maioria das correspondências completas e, com sorte, possuíam alguma fotografia. Contudo, os arquivos encontrados no *The National Archive* são, em maioria, documentos administrativos oficiais. De caráter mais pessoal, as fontes copiladas do *Imperial War Museum* trazem experiências e depoimentos que nos levam para o lado mais sensível do contexto estudado. Através de cartas pessoais e diários destas mulheres, nos aproximamos do cotidiano da Segunda Guerra Mundial.

Para a análise de fontes foi utilizado o método comparativo, tendo este servido para se estabelecer pontos em comum e incomuns entre os dois processos de seleção de ambos os órgãos militares. Este método em questão não serve ao historiador como instrumento para fazer o julgamento ou adjetivar um fato ou outro como sendo “superiores” ou “inferiores”, mas sim, para possibilitar a diferenciação de acontecimentos levando em consideração as particularidades e contextos do tempo, lugar, concepções institucionais etc.

O método qualitativo também será utilizado para caracterizar, através das fotografias e depoimentos, todos os signos e símbolos que qualificaram tais mulheres para atuar no campo militar, identificando as mudanças de postura, comportamento etc. – se

relacionando diretamente com o conceito de *habitus* de *capital simbólico*, de Pierre Bourdieu. É através do uso das fotografias que se poderá problematizar mais precisamente a ambientação das mulheres a este espaço. Mesmo que muitas vezes estas possam parecer forjadas, ainda funcionam como arquétipos desta representação da mulher na guerra.

Depoimentos gravados e entrevistas de ex-integrantes destes dois órgãos militares que contam suas experiências do cotidiano de guerra serão usados como base para a compreensão e contextualização deste trabalho. Todos estão disponíveis digitalmente, pelo projeto de História Oral do *Imperial War Museum*.

Praticamente todos os órgãos exclusivamente femininos criados para atender às necessidades de guerra possuem limitadores. São sempre órgãos com características de serviços auxiliares, que integram mulheres para serviços mais técnicos e/ou secundários a fim de liberar homens para atuarem na frente de batalha. Por questões mais morais, a visão geral sobre a participação da mulher em combate, diretamente nos campos de batalha, não era algo bem visto socialmente nem por homens, nem por mulheres – àquelas mais conservadoras ou de mais idade. Muito ocasionalmente esta participação direta vinha pelo trabalho das enfermeiras, mas nunca desempenhavam o papel de combatentes. Entretanto, mesmo não podendo atuar em todas as frentes do esforço de guerra (quantas quais gostariam) tais mulheres exerceram papel importante durante a guerra e muitas delas foram condecoradas por seus feitos.

A mulher, ou mulheres, na história já é objeto passível de novos estudos e revisões historiográficas. Em momentos de guerra esta realidade não se faz diferente – como militares ou civis, elas estavam presentes e atuavam como sujeitos. A escolha por trabalhar a inserção das mulheres dentro das instituições militares é trazer o tema para os campos de pesquisa em história cultural e história militar, abordando a questão dos papéis sociais das mulheres neste contexto, a mudança nas relações de gênero e suas politizações, e suas relações com a formação e aquisição do *habitus* pelas mesmas.

Parafraseando Joan Scott<sup>8</sup> em sua definição conceitual, gênero pode ser entendido como uma categoria útil de análise histórica. No contexto das guerras essa afirmativa não se desassemelha. Refletir sobre as construções do feminino e do masculino nos períodos de guerra é de extrema importância, pois é neste contexto político social que muitas mudanças socioculturais ocorrem. Utilizar o conceito de *gênero* para a realização de análises e trabalhos sobre a guerra proporciona uma melhor compreensão dos conflitos

---

<sup>8</sup> SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Artigo Digital. Disponível em: <[http://archive.org/details/scott\\_gender](http://archive.org/details/scott_gender)>. Acessado em: 23 de Dezembro de 2013.

através das dinâmicas sociais – isso devido ao fato que, ainda hoje, a história de grandes conflitos seja escrita negligenciando esta participação, criando espécie de história marginal, lugar onde as mulheres aparecem em livros de memórias, biografias e na história oficial do próprio órgão onde atuaram.

A historiadora norte-americana e personalidade no movimento feminino sufragista, Mary Ritter Beard, afirma em seu texto “Woman as Force in History” que havia sim uma marginalização da mulher e de seu papel social. Negava-se então que a mulher tivesse qualquer participação pública; sua participação em guerras e em decisões políticas, e que pudessem ter influenciado acontecimentos, assim como fato de não possuírem “projeto de vida própria”<sup>9</sup>. A questão da inserção do estudo das mulheres nas pesquisas históricas foi alvo de diversos debates que tentavam elucidar as maneiras como isso deveria acontecer e a relevância de tais estudos. A respeito da opinião moderna que alguns pensadores e historiadores tinham sobre o papel da mulher na História, enxergava-se que “... a solicitação de que a história fosse suplementada com informações sobre as mulheres, equivalia afirmar o caráter incompleto daquela disciplina, bem como o domínio parcial que os historiadores tinham do passado.”<sup>10</sup>.

Esse distanciamento da história geral, não propositalmente, pode ser pensado aqui como uma forma urgente de dar à mulher um lugar claro e límpido e que não fosse novamente ofuscado por outros fatos e expressões que pudessem fazer alusão ao homem, entendido aqui como indivíduo masculinizado. Joana Maria Pedro, quando aponta em um artigo sobre os significados do uso da palavra “mulher” – pois até então a expressão “gênero” ainda não era adotada – explica que tal categoria fora “(...) pensada em contraposição à palavra “homem”, considerada universal, ou seja, quando se queria dizer que as pessoas são curiosas, por exemplo, dizia-se de forma genérica “o homem é curioso”. Aqui a palavra homem pretendia incluir todos os seres humanos”<sup>11</sup>.

Desta forma, entendemos que esta marginalidade onde a História das Mulheres foi se inserindo não acontecia propositalmente, mas sim como reflexo imediato à emergência que este campo se pretendia dentro da academia aliado aos ideais feministas da época. Contudo, o campo ganhava força ao mesmo tempo em que o conceito de gênero surgia, de

---

<sup>9</sup> BEARD, Mary. **Women as Force in History: a study in traditions and realities**. California: The Macmillan Company, 1964.

<sup>10</sup> SAMARA, Eni de Mesquita (org). **Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas da historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUSC, 1997.

<sup>11</sup> PEDRO, J. op. cit, 2005.

forma primeira, como uma rejeição ao determinismo biológico implícito no emprego de termos como “sexo” ou “diferença sexual”.

Forma-se ainda um debate em torno de historiadores: escrever uma “História das Mulheres” ou uma “História do Gênero?”. Quais os limites de cada campo e até onde o primeiro não seria em essência, o segundo? Essa pergunta é debatida até hoje com base no entendimento que, quando se fala em relações de gênero, fala-se em relações entre nuances daquilo que se compreende por homens e mulheres.

Justamente por este motivo, as análises sobre homens e mulheres estão baseadas no conceito de gênero que traz, de forma mais rica, a possibilidade de se compreender a variedade de *homens* e *mulheres* que podem pertencer à uma mesma classe, cultura e contexto. A utilização de uma ideia pluralista em relação à estas identidades se faz urgente para este trabalho, principalmente, quando percebemos que ao se alistarem para os órgãos, mulheres e homens, das mais diversas origens, começam a dividir espaços e experiências que antes não o faziam. As relações de gênero ampliam a ideia de uma dualidade baseada na determinação sexual.

O estudo de gênero, como categoria analítica enfatiza a abordagem do caráter relacional das construções sociais entre o feminino e o masculino ao longo dos processos históricos, sendo proposta então, uma superação de uma suposta “condição feminina” ou “condição masculina”. A necessidade de tal estudo vem com o objetivo de mostrar as múltiplas identidades femininas e masculinas e como estas diferentes relações vêm se transformando na história: *“a importância de considerar a categoria gênero na compreensão dos processos históricos.”*<sup>12</sup>

As questões referentes à inserção das mulheres em uma força armada – como e porque tal inserção ocorre – podem ser respondidas de uma maneira generalizada. Cada qual tem em seu contexto e sua resposta específica, mas todas acabam indo de encontro a um ponto em comum: a questão do gênero e do papel social da mulher.

Neste sentido, a problemática que norteia este trabalho preza pela análise das relações de gênero como base para se compreender como que as funções consideradas “femininas” e “masculinas” se modificam em tempos de guerra e como as relações entre os dois gêneros também sofrem mudanças. Como que, com a intensificação do conflito, as mulheres são chamadas a assumirem postos que antes eram relegados a elas e como estas mesmas politizações que possibilitam uma nova atuação ainda sim, as limitam.

---

<sup>12</sup> GONÇALVES, Andrea Lisly. **História &... Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.11.

É através da politização destas relações de gênero<sup>13</sup> que se permite o ingresso feminino a “novos setores sociais”<sup>14</sup> – por ocasião de uma emergência de guerra expande-se a possibilidade de atuação destas mulheres, como por exemplo, o ingresso nas forças armadas. É neste novo campo de atuação que tais mulheres ganham uma nova perspectiva do mundo e da sociedade através dos olhos da instituição a qual pertencem.

As propagandas, discursos e cartazes (os últimos principalmente e de forma abrangente) foram essenciais para que a convocação de mulheres para o exército ocorresse, pois, neles, as mesmas eram retratadas em primeiro plano, fardadas, com postura imponente e tais características chamavam a atenção por proporcionarem uma idealização de mudança social para elas. Tal mudança, e a possibilidade de se destacar socialmente junto a uma instituição militar, é estudada no trabalho a partir do conceito de capital simbólico elaborado pelo sociólogo Pierre Bourdieu<sup>15</sup>.

Para a definição deste, percebemos um alargamento no conceito marxista de *capital* – podemos entendê-lo não só como algo relacionado à questão financeira e ao acúmulo monetário (o capital econômico), mas como o acúmulo de algum bem (material ou simbólico) que possa promover a inclusão de indivíduos em um novo ambiente, situação, campo, etc. Estes capitais são descritos por Bourdieu como *capital cultural*, *capital social* e *capital simbólico* – nos interessando aqui, este último. O acúmulo de capital simbólico pode ser compreendido como a aquisição de um conjunto de signos e símbolos que possibilitam a situação de um indivíduo em determinado espaço social.

São estes signos que, ao mesmo tempo em que atraem tais mulheres para a instituição, identificam-nas com a mesma. Através da doutrina, treinamentos, postura, uniforme e gestos é que estas mulheres passam a acumular o capital referente ao meio militar e iniciam o processo de formação e aquisição de um novo *habitus*. De maneira mais simples podemos compreender *habitus* como a apreensão de características e sistemas de um campo específico que pode ser adquirido e interiorizado por um indivíduo: “O *habitus* constitui um sistema de esquemas de percepção, de apreciação e de ação (...) que nos permitem perceber, agir e evoluir com naturalidade num universo social dado”<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> PEDRO, Joana Maria. **As Guerras nas Transformações das Relações de Gênero: entrevista com Luc Capdevila**. Revista de Estudos Feministas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. VI.13, n.1 Jan/Abr 2005.

<sup>14</sup> No sentido de atuarem em setores e esferas sociais que não atuavam antes.

<sup>15</sup> BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 1997.

<sup>16</sup> BOURDIEU, P. Idem. 1997.

Portanto, a relação entre os conceitos de Bourdieu, Butler e Scott são fundamentais para a contextualização da mulher na guerra e sua inoculação ao ambiente militar. O elo entre eles revela a complexidade por detrás da adequação dos corpos, mentes e hábitos destas mulheres em um novo espaço de atuação e trazem, no tocante à sensibilidade desta participação, as impressões pessoais e sociais frente a estas mudanças.

Contudo, apesar de toda mobilização em torno do esforço de guerra, assim como ocorrido na guerra anterior, a desmobilização destes órgãos acontece tão logo o conflito chega ao fim. Aquelas que serviram, ao lado de homens, às bases de sustentação do aparato de guerra encontram, já em 1945, um prazo final de suas atividades pelo simples fato de não serem mais necessárias em suas substituições. Os jogos de poder e sua consequente politização das relações de gênero, moldam e definem mais uma vez, os lugares e papéis sociais que seriam cumpridos tanto por homens, quanto por mulheres ao final da guerra.



## 1. AS MULHERES NA SOCIEDADE E NA GUERRA – ESTUDO DO CASO BRITÂNICO

As mulheres e a guerra. Dois substantivos que, quando juntos, acabam provocando uma reflexão curiosa. Sempre que pensamos ou falamos sobre guerras, o olhar mais amplo para as conhecidas minorias históricas quase não acontece. Nossa memória imediata nos remete a todos os aspectos mais crus em relação a um conflito e por essa razão, quando pensamos em mulheres na guerra algumas imagens podem passar despercebidas.

Fazer um estudo sobre uma guerra em particular pode seguir diversas orientações, dependendo da proposta levantada pelo historiador. Caminhar pelos campos de batalha do passado e pensar nos duelos, embates, tipos de armamentos, quantidade de pessoas mortas, recessões e mais um grande número de possibilidades vão surgindo pelo caminho de pesquisa. Contudo, alguns elementos instigantes se fazem presentes em meio a todo um cenário gigantesco de terror, como por exemplo o papel que crianças, deficientes, idosos e mulheres desempenhavam no cotidiano da guerra. Expandir o olhar em busca destes agentes históricos pode fornecer à historiografia de um conflito em particular, uma visão mais completa.

Entretanto, para tal compreensão de como a guerra molda certas relações sociais e modifica estruturas políticas e econômicas, faz-se necessária a contextualização do espaço em que estas ocorrem. As mulheres, como centro desta pesquisa, adquirem papel fundamental na economia e no esforço de guerra, em ambas as guerras mundiais. Entretanto, seu pioneirismo em fábricas e manufaturas não é fruto desta participação nas guerras. Seu trabalho, mesmo que em números mínimos, já era notado nestes círculos e, com a necessidade, intensificados.

### 1. 1. As Mulheres e sua Participação Social no Século XIX.

A participação social e política das mulheres varia cada qual em seu contexto. Muito tempo foi necessário até que deixassem de atuar em meio à vida privada, doméstica e familiar para atuarem com mais ênfase na vida pública – e ainda sim, com limites de atuação.

A reflexão em torno do que seria a “vida privada” e a “vida pública” comumente associa a primeira ao âmbito doméstico e à instituição familiar enquanto a segunda estaria

relacionada com o todo para além daquela. Entretanto, os limites e definições que moldam o significado de ambas as expressões é uma construção histórica, portanto fluida:

A vida privada não é uma realidade natural, dada desde a origem dos tempos: é uma realidade histórica, construída de diversas maneiras por sociedades determinadas. Não existe uma vida privada de limites definidos para sempre, e sim um recorte variável da atividade humana entre a esfera privada e a esfera pública. A vida privada só tem sentido em relação à vida pública e sua história é, em primeiro lugar, a história de sua definição (...) A história da vida privada começa pela história de suas fronteiras (...).<sup>17</sup>

Tal apontamento nos leva a reflexão de que a vida privada não possui uma forma única e se molda de acordo com padrões sociais, com seus limites retraindo e expandindo de acordo com seu tempo e lugar. É ainda, produto de classes sociais pois, se a vida privada se liga majoritariamente às questões familiares e à função desta com a sociedade no geral, sua caracterização dependerá das relações mais profundas de seus membros com aquilo que é externo ao âmbito doméstico<sup>18</sup>. Os limites entre a esfera do público e privado determinam para um e outro seus próprios domínios.

Na Inglaterra por exemplo, a vida privada do lar se misturava com a vida pública, ou com as vidas privadas de outras pessoas, visto que um dos sistemas mais comuns de hospedagem, os *bed and breakfast*, possibilitavam um estrangeiro a passar a noite em um cômodo da casa de uma família com direito a café da manhã. Nesses casos, a ideia da vida privada doméstica e familiar é um tanto diferente do que vemos, por exemplo, na França e em outros países europeus, onde a recepção de pessoas “estranhas” à família, para reunião ou até mesmo jantares, ocorria em um ambiente exclusivo para isso, normalmente isolado de outros cômodos da casa.

A vida privada portanto, é referida como o campo dos costumes, da religião, da saúde, dos segredos, do sagrado, da família. E normalmente, quando se faz referência à atuação da mulher em sociedade é comum observarmos a mulher e a vida privada como campos inerentes e até mesmo indissociáveis durante períodos históricos. A mulher que rompe com essa imagem, migra do espaço privado da casa e da família, para o espaço público do trabalho e da política:

---

<sup>17</sup> ARIES, P. DUBY, G.(org). **História da Vida Privada 5. Da Primeira Guerra aos Nossos Dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.14.

<sup>18</sup> Idem. p.14.

Os muros da vida privada em princípio cercam o universo doméstico, o universo da família, e do lar (...) O que se passa no universo doméstico pertence estritamente à vida privada. Assim uma boa maneira de abordar as transformações que afetaram a vida privada no século XX consiste em indagar sobre a evolução material do quadro doméstico: a história da vida privada é, em primeiro lugar, a história do espaço em que ela se inscreve.<sup>19</sup>

Em alguns casos, faz-se uma divisão entre estes espaços e a questão do gênero. A mulher seria o centro da vida privada (no tocante à família) e o homem, aquele que representa a vida pública, como questiona Duby ao se perguntar se *a divisão dos papéis masculino e feminino não acabava outorgando o poder na esfera privada às mulheres*<sup>20</sup>. Ainda que tenhamos ciência que a generalização para análise de tais esferas nos traz uma visão reduzida das mesmas, é interessante refletir se

... a divisão dos papéis situava a mulher preferencialmente dentro da família, reservando ao homem o âmbito externo: as transações importantes, a representação familiar, a política. É possível discutir se essa partilha era apenas ilusória; pode-se concordar com as feministas que, na medida em que o importante era a vida pública, as mulheres ficavam relegadas à vida doméstica; inversamente pode-se salientar a importância central dos valores domésticos nessa sociedade em que o indivíduo valia pela família e o único êxito era familiar, para sustentar que as mulheres, na medida em que controlavam a esfera doméstica, exerciam na verdade um poder decisivo.<sup>21</sup>

A presença feminina na vida privada é muitas vezes associada à imagem da repressão e da submissão. Entretanto é válido questionar até onde o papel da mulher dentro destes espaços não influenciava diretamente nas decisões fora dele. Michelle Perrot e Geneviève Fraisse refletem sobre esses limites entre o público e o privado mostrando sua comum generificação:

A redefinição do político no século XIX tem como corolário a redefinição da sociedade civil dotada de uma consistência particular. Teóricos (sobretudo anglo-saxônicos) e organizadores distinguem “público” e “privado” e tentam estabelecer uma equivalência entre as “esferas” e os sexos. Mas, apesar dos seus esforços, esferas e sexos confundem-se e imbricam-se em torno de fronteiras pouco definidas e flutuantes. Nem todo o público é masculino, nem todo o privado é feminino. As mulheres circulam no espaço público e, através dos salões, a sua casa mantém-se

<sup>19</sup> ARIES, P. DUBY, G. (org). Idem. p. 53-54.

<sup>20</sup> ARIES, P; DUBY, G. op. cit. p. 65.

<sup>21</sup> ARIES, P; DUBY, G. ibid. p. 65.

aberta para o exterior. Os homens não estão também ausentes do privado, e os poderes do pai pesam sobre a família. A mulher civil é a um tempo pública e privada, em sua casa e na cidade, no parentesco e na sociedade. A este respeito, importa evitar as armadilhas do discurso e desmontar os estereótipos tradicionais.  
22

De fato, aquilo que se critica a respeito desta exclusão à vida pública seria a ausência das mulheres em momentos “decisivos” por onde elas poderiam estender seus pensamentos, ideias e voz como, por exemplo, sua não-participação em eleições, a impossibilidade de se candidatar, exercer certas profissões etc.

Pelos fins do século XIX e início do século XX a sociedade inglesa passou por mudanças significativas em sua estrutura, mais precisamente na Era Vitoriana e em meio aos primeiros movimentos feministas na Europa.

O questionamento sobre a condição da mulher no período vitoriano começa a ser percebido também, pela literatura. Christiane Maria Lopes analisa em sua tese a identidade da mulher na era vitoriana justamente através das produções literárias da época e reflete sobre a condição feminina durante o período em meio a tantas transformações identificando a extrema sexualização da mulher pelos autores os quais analisa.

Para Lopes, *reconhecer o direito de um ser humano a ter livre escolha não confere a um escritor ou a uma obra um caráter feminista, pois o sexo é apenas “uma” das muitas dimensões da potencialidade humana*<sup>23</sup>. Conclui ainda que o feminismo, como um movimento social, reclamava direitos profissionais, intelectuais e políticos – esferas de atuação quase nula das mulheres. Assim, como exemplo de uma possível superação desta imagem, já na era moderna, Lopes nos traz a Virginia Woolf – escritora fruto da educação vitoriana, que começa a trazer a imagem da mulher nos fins do século XIX de forma mais realista, se baseando no cotidiano de suas vidas.

Em um trecho de uma de suas obras, percebemos quando Woolf reflete sobre a vida e a participação pública da mulher no século XIX, trazendo uma história fictícia do que seria conversar com uma senhora, desta época em particular, e questioná-la sobre sua vida através dos fatos históricos pelos quais passou, mas sem deles ter, de fato, participado:

<sup>22</sup> DUBY, G. PERROT, Michelle. **História das Mulheres No Ocidente. O Século XIX. Vol. 4.** Porto: Afrontamento, 1991. p. 347.

<sup>23</sup> LOPES, Christiane M. **A Mulher na Era Vitoriana: Um Estudo da Identidade Feminina na Criação de Thomas Hardy.** Dissertação de mestrado. UFPR. Curitiba: 1986. p. 16. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24338/D%20-%20LOPES,%20CHRISTIANE%20MARIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 16 de Dezembro de 2014.

... the majority of women are neither hairlots nor courtesans; not do they sit clasping pug dogs to dusty velvet all through the summer afternoon. But what do they do then? And there came to my mind's eye one of those long streets somewhere South of the river whose infinite rows are innumerably populated. With the eye of the imagination I saw a very ancient lady crossing the street on the arm of a middle-age woman, her daughter perhaps... The elder lady is close on eighty; but if anyone asked her what life has meant to her, she would say that she remembered the streets lit for the Battle of Balaclava, or had heard the guns fired in Hyde Park for the birth of King's Edward the Seventh. And if one asked her, long to pin down the moment with date and season, but what were you doing on the fifth of April, 1868, or the second of November, 1875, she would look vague and say that she could remember nothing. For all the dinners are cooked, the plates and cups washed; the children sent to school and gone out into the world. Nothing remains of it all. No biography or history has a word to say about it. And the novels, without meaning to, inevitably lie... All these infinitely obscure lives remain to be recorded...<sup>24</sup>

Segundo Lopes, as tendências literárias do final do século XIX vinham questionar a posição dependente da mulher. O século anterior aprisionara suas mulheres em suas casas e à sua família, construindo um cenário único no qual elas poderiam atuar:

(...) Uma figura condenada à 'prisão domiciliar' com a pena máxima de ser eternamente passiva, dependente, escrava de suas emoções, mas com o direito de escolher a maneira de sua própria execução: morreria ela de tanto ter filhos, ou teria filhos até morrer? Com um pouco de sorte, uma tuberculose poderia mudar o curso de sua história.<sup>25</sup>

Contudo, as experiências e valores que cresciam na sociedade inglesa do século XIX trouxeram a possibilidade de se compreender ou se pensar "a mulher" de uma forma mais crítica. O conservadorismo em excesso da era vitoriana criara duas visões do feminino: uma trazia a mulher como honesta, "dona do lar" e outra, retratava-a como a mulher "ousada" ou erótica – antagônica às predefinições da primeira. O resultado desta dualidade de visões, somado ainda aos movimentos da Questão Feminina, trouxe à tona o surgimento de uma terceira visão – a Nova Mulher:

(...) Enquanto isso, o crescimento da Questão Feminina definia o papel social da mulher pois reivindicava os direitos sexuais e pessoais da mulher visando seu reconhecimento como um ser completo. Tratava-se de um movimento essencialmente político

<sup>24</sup> WOOLF, Virginia. *A Room of One's Own*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 1989. p.88.

<sup>25</sup> LOPES, Christiane. *Idem*. p. 13.

porque desafiava a ortodoxia moral e política da cultura vitoriana. Questionava a permanência do casamento e o papel da mulher no seio da família. Em consequência, a expressão “Nova Mulher” estava popularizada, descrevendo aquela que lutava por um grau de igualdade com os homens e procurava sua libertação da rigidez dos códigos vitorianos preconceituosos (...) <sup>26</sup>.

O movimento da Nova Mulher – *The New Women* – ganha força tanto na Grã-Bretanha quanto nos Estados Unidos e o receio social frente à organização cresce pela afronta que este poderia trazer às estruturas do ambiente doméstico. Essas Novas Mulheres, das décadas de 1880-1890 *são as filhas das New Bourgeois Matrons dos anos 1850-1880. Esse cadinho de identidades foi, nos limites do político e do social, do público e do privado, do religioso e do moral, um laboratório de experiências* <sup>27</sup>.

Em um trecho editorial do New York Times, já em 1896, percebemos o incômodo que o movimento começa a trazer: “The New Women Criticised – Is She Unsexing Herself and Losing Man’s Respect?” <sup>28</sup> ilustra a possível “ameaça” aos costumes tradicionais da época frente o novo comportamento feminino quando, pelo próprio título da coluna, percebemos o questionamento sobre uma possível “dessexualização” da mulher e, por consequência, esta perderia o respeito dos homens. Essas novas funções, almejos, a movimentação das organizações feministas e a presença – ainda crescente – no espaço público, para alguns, descaracterizaria a mulher e seu papel social “anterior”. Como se o reclame e o ganho de certos direitos, ou o ingresso em novos ofícios sociais tirariam desta mulher, sua feminilidade.

O século XIX traz, com suas mudanças e inovações, uma nova articulação social que implica em mudanças intrinsecamente ligadas às novas exigências e claro, no comportamento de homens e mulheres onde, essas últimas demonstram o desejo em superar limites impostos ao seu sexo.

Por que o feminismo a medida em que difunde, torna-se plural e contraditório. Entre o feminismo que pretende a igualdade na assimilação e o que pretende a exaltação da diferença está já aberto o debate. (...) Mas o seu poder de representação é sem dúvida mais elevado que o seu número. O “nós, as mulheres”, tão frequentemente invocado por isoladas que se pretendiam porta-vozes, toma mais consistência. (...) Houve então como que uma

<sup>26</sup> LOPES, Chistiane. Idem. p. 14.

<sup>27</sup> DUBY, G. PERROT, Michelle. (Org.) **História das Mulheres No Ocidente. O Século XIX.** Porto: Afrontamento, 1991. p. 510.

<sup>28</sup> \_\_\_\_\_, New York Times. Disponível em: <file:///C:/Users/anaclaudia/OneDrive/Documentos/FONTES%20DOCUMENTOS%20OFICIAIS/105746425%20NYTimes.pdf>

“idade de ouro” do feminismo ocidental – que participa no desenvolvimento da democracia e do individualismo – que precipitou o nascimento dessa “Nova Mulher”, celebrada ou execrada no limite do século, e que obriga os homens a redefinir-se.<sup>29</sup>

## THE NEW 'WOMAN' CRITICISED.

### Is She Unsexing Herself and Losing Man's Respect?

*To the Editor of The New-York Times:*

In your issue of Sunday, April 5, appeared an extract from The Forum headed, “What Does She Want?” and I echo the inquiry. Or, rather, What does she not want?—this new woman, who literally “buttonholes” one in the street and demands that one stand and deliver one's opinion upon the latest subject agitated in any country or community. Many a time and oft have I squandered the pence that should have made the pounds by slipping into a shop and perforce buying some trifle in order to escape the highway robbery of my ideas—having, indeed, no superfluous ones to part with. What, again, does she not want—the new woman, who is as great a puzzle and perplexity to many of her own sex as to the opposite one? She dresses like a man, as far as possible, thereby making herself hideous. She swings her arms in walking, like a man. She talks slang, as a man does, only adding more words to her vocabulary, and now it appears she is to carry a walking stick, but unlike a man. The next step probably will be to wear her hair short and adopt a mustache, a legitimate one not being possible. She discusses subjects with the “men”—one being no longer permitted to associate with gentlemen—that they are in the habit of keeping for their own sex. She drinks wine at luncheons when women only are present. She attends us as a physician and afterward gossips about her patients, as a woman. She asks, in fact, as the writer in The Forum says, “to work by man's side and on his level,” and still to be treated with the chivalry due her in her own kingdom—the home and society—and any abatement of this treatment produces a storm of indignation and wrath quite beyond the sex she is endeavoring to emulate. And with all these things, forsooth, she now demands the ballot. If she ever does get it—which heaven forbid—what a reign of pandemonium there will be at the polls and by the domestic hearth!

TARRYTOWN, April 6, 1896.

H. W. F.

**The New York Times**

Published: April 8, 1896

Copyright © The New York Times

<sup>29</sup> DUBY, G. PERROT, Michelle. (Org.) *História das Mulheres No Ocidente. O Século XIX*. Idem. p. 510

Contudo, apesar de toda rigidez social – característica forte do período, a era vitoriana também é conhecida por mudanças notáveis na qualidade de vida das pessoas, na prosperidade familiar e na educação básica das crianças. A Segunda Revolução Industrial trouxe avanços tecnológicos que impactaram as estruturas sociais do período e trouxeram novas possibilidades para as mulheres – mudanças que vinham ocorrendo desde a Primeira Revolução. O pioneirismo da Grã-Bretanha no século XVIII veio galgando, com os anos, a qualidade de vida e os avanços sociais e industriais que possibilitaram, no século seguinte, a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Ironicamente, a moralidade da época se chocara com as oportunidades e novas percepções sociais.

A organização e os movimentos vinham reclamar a regulamentação de um trabalho assalariado, uma nova posição social desta mulher através do reconhecimento de atividades femininas que já ocorriam muito antes da industrialização – trabalhavam como fiandeiras, como feirantes, artesãs, criadas, atividades remuneradas ou não e quase sempre ligadas ao “âmbito” doméstico e à manufatura. As mulheres adentravam no mercado de trabalho ainda de forma tímida, sempre associadas às formas de trabalho mais baratas e, ainda sim, excluídas em algumas funções dessa própria classificação.

No período pré-industrial, portanto, a maioria das mulheres trabalhadoras eram jovens e solteiras e por norma trabalhavam longe de casa, fosse qual fosse o tipo de local de trabalho para onde iam. As mulheres casadas eram também membros ativos da força laboral; também para elas a localização do trabalho – quinta, loja, oficina, rua ou as suas próprias casas – variava e o tempo dispendido com tarefas domésticas dependia das pressões do trabalho e das circunstâncias econômicas do agregado familiar.<sup>30</sup>

Os anos seguintes foram marcados por avanços dos movimentos feministas ao redor do mundo. A primeira onda do movimento vinha reclamar os direitos das mulheres em igualdade com o dos homens e visavam principalmente o direito ao voto, a propriedade, participação política, criticavam o modelo de casamentos etc. O movimento do século XIX é representado hoje pelas britânicas, conhecidas como *suffragettes*, e sua mobilização frente ao direito ao voto feminino.

---

<sup>30</sup> DUBY, G. PERROT, Michelle. **História das Mulheres No Ocidente. O Século XIX. Vol. 4.** Afrontamento: Porto, 1991. P. 448.





**Fotografia 1 – Votes for Women. Reino Unido, 1912.**

Fonte: The Guardian - <http://www.theguardian.com/theguardian/2012/feb/07/archive-1918-some-but-not-all-women-get-vote>

Contudo, a prosperidade do século XIX, com suas mudanças, progressos sociais e econômicos choca-se, na primeira década do século XX, com um dos episódios mais impactantes da história mundial: a Primeira Grande Guerra. O conflito que hoje conhecemos por ser um dos mais trágicos da história, traz rupturas, desconstruções e descontinuidades por toda Europa, principalmente nos países envolvidos. As mudanças de pensamentos e paradigmas acabaram questionando valores e desenvolveram uma nova consciência social em torno da família, do afeto, da política, da economia – da vida.

## 1. 2. A Primeira Guerra Mundial

Estudos sobre a participação das mulheres na Primeira Guerra Mundial ainda são pauta de discussão para o campo da historiografia que presa o estudo das relações de gênero. Não que esta participação seja negada ou pouco explorada mas muito ainda se questiona sobre o papel que esta guerra, em particular, teve para estas mulheres no campo social, político e econômico.

A Primeira Guerra é vista por muitos pesquisadores como um grande divisor de águas para as relações de gênero – como o foi para diversas instâncias – nas sociedades europeias, majoritariamente por dois motivos: a intensa mão-de-obra feminina utilizada para o esforço de guerra e o almejado direito ao voto, conquistado na maioria dos países no pós-guerra. Contudo, a conclusão de que a guerra teria sido um estopim para tais mudanças e avanços não é compartilhada por todos os historiadores – principalmente por que, o movimento feminista já reivindicava desde o início do século XIX maior participação destas mulheres, que já começavam a experimentar o trabalho fora do âmbito doméstico antes do próprio conflito.

Parece óbvio pensar sobre tais mudanças, pois a guerra é um fato que modifica profundamente as relações sociais e suas estruturas, sendo evidente uma mudança nas relações de gênero. Todavia, tais mudanças podem ser vistas dentro de um escopo mais estreito, quando só se modificam temporariamente e, às vezes, acabam retornando ou regressando para os moldes anteriores. No caso das relações de gênero fica evidente tal hipótese. Enquanto lutam por maior participação social, política e econômica nos anos que antecederam 1914, essas mesmas mulheres acabam sendo convocadas em peso para substituir homens que exerciam funções em fábricas, manufaturas, em serviços auxiliares etc. Preenchem todas as vagas disponíveis, passam por treinamentos e capacitações, seguem regras de conduta e produzem para o esforço de guerra ininterruptamente até que, a partir de 1918 com o fim da guerra, acabam regressando para suas casas e suas “funções primeiras” como mães e esposas. Para definição de tais mudanças, trabalharemos com a ideia de politização das relações de gênero.

Françoise Thébaud, importante pesquisadora do tema, faz uma divisão marcante nas visões historiográficas sobre essa questão. Inicialmente os primeiros estudos, principalmente britânicos, se preocuparam em redescobrir os novos papéis que estas mulheres desempenharam durante a guerra - passaram a comandar o lar, na falta do marido; entraram nas forças armadas servindo como enfermeiras e em serviços auxiliares; o trabalho industrial ganhou impulso com o emprego de milhares de mulheres, assim como visto na agricultura.<sup>31</sup> Todo este cenário teria dado voz às mulheres da época e

---

<sup>31</sup> BADER-ZAAR, Birgitta. **Controversy: War-related Changes in Gender Relations: The Issue of Women's Citizenship**. p. 2. In: International Encyclopedia of the First World War. Disponível em: [http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/ControversyWar-related\\_Changes\\_in\\_Gender\\_Relations\\_The\\_Issue\\_of\\_Womens\\_Citizenship](http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/ControversyWar-related_Changes_in_Gender_Relations_The_Issue_of_Womens_Citizenship). Acessado em 27 de Novembro de 2014.

impulsionado as mudanças sociais que aconteceriam anos depois – as mulheres puderam mostrar seu “valor” no mercado de trabalho.

A segunda fase é periodizada por Thébaud entre os anos de 1970 e 1980, quando os estudos começam a trazer um olhar não tão otimista dessa participação. As mudanças sofridas neste período são tidas por esses historiadores como mudanças de curta duração, pois o final da guerra culmina com o retorno das mulheres para o lar. A questão da igualdade também é algo muito questionado por esta historiografia, principalmente pelas disparidades salariais – melhoravam seu desempenho e impulsionavam a economia de guerra mas nunca se igualavam ao valor da mão-de-obra masculina<sup>32</sup>. O retorno destas mulheres é alvo, ainda, de um discurso que pretendia envolvê-las em seu dever maternal e matrimonial<sup>33</sup> como o êxito de sua colaboração social: *Although mobilization propelled women into important functions in the economy and state bureaucracy, unequal gender relations prevailed and continued to do so after the war*<sup>34</sup>.

Tais questionamentos encontrarão um outro ponto de discussão com Susan Grayzel, quando esta comenta que o divisor de águas não seria a entrada maciça das mulheres no mercado industrial mas sim, o exercício de formas de trabalho diferentes das que realizavam antes e como essa experiência viria a repercutir socialmente:

(...) the novelty [of mobilization] lay not in the entrance of women in the world of waged work but in the tyoes of work performed and the repercussions of these changes. While women had already been important in the pre-1914 labour force, the war brought a redistribution of woen’s labour. (...) Specifically, the diferente tasks women now performed in waged labour confonted gender relations: “Women’s role in manufacturing weapons challanged a powerful gendered taboo, as women now semmed to be participating in the culture of death instead of performing their “natural” roles as givers of life.<sup>35</sup>

Em relação aos movimentos feministas, Thébaud reflete ainda sobre os atrasos e empecilhos que a guerra trouxe, paralisando alguns destes movimentos e fortalecendo-os em torno dos valores da família no pós-guerra, quando essas mulheres retornam para casa. Contudo, apesar de algumas paralizações e militâncias terem de fato ocorrido por conta do esforço de guerra, Bader-Zaar comenta que as próprias organizações feministas locais eram

<sup>32</sup> BADER-ZAAR, Birgitta. op. cit.

<sup>33</sup> GRAYZEL, Susan. **Women’s Mobilization for War**. Disponível em: [http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/Womens\\_Mobilization\\_for\\_War](http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/Womens_Mobilization_for_War). Acessado em 27 de Novembro de 2014.

<sup>34</sup> BADER-ZAAR, Birgitta. op. cit.

<sup>35</sup> BADER-ZAAR, Birgitta. Ibid.

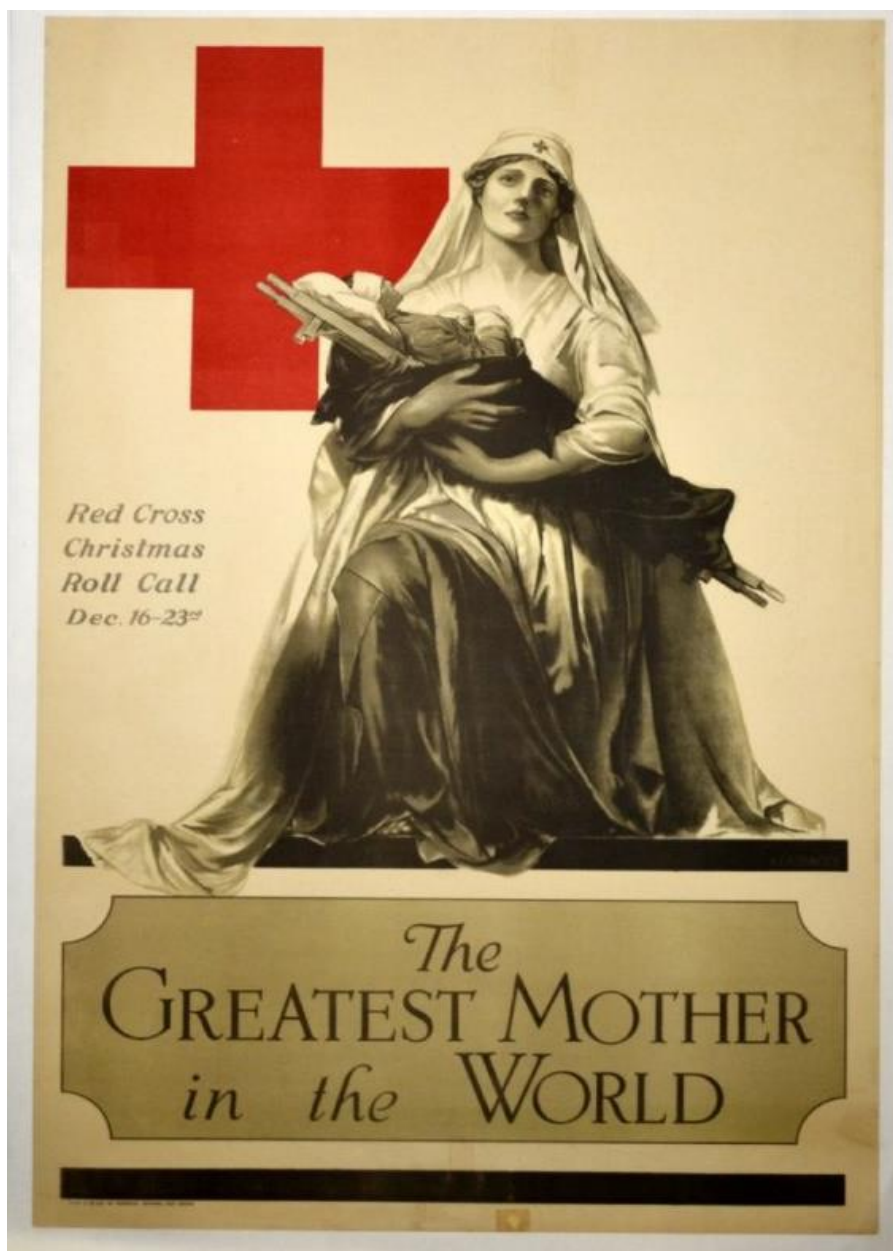
extremamente prestativas e se mobilizavam para auxiliar em diversas áreas, desde recolher fundos, ajudar como enfermeiras, providenciando o cuidado de crianças em creches, treinando e mobilizando mulheres para o emprego etc.<sup>36</sup>

A mobilização e a propaganda em torno da guerra acaba também, enfatizando as relações de gênero anteriores a ela, quase que como forma de justificativa para a participação destas mulheres no esforço de guerra – principalmente no enaltecimento da “mãe” ao fazer seu filho se alistar para o combate, ao retratá-la nas ações das enfermeiras ou ainda, que esta forma de sacrifícios, de ações trariam a essa “mulher-mãe” o direito da cidadania.

Essa questão sobre as enfermeiras e a maternidade pode ser percebida em vários países, sempre utilizando esta relação de idéias. Um bom exemplo pode ser dado pela propaganda da Cruz Vermelha norte-americana, a seguir. Com o título de “*The Greatest Mother of The World*” a propaganda compara a organização da Cruz Vermelha e suas enfermeiras à mães – representada por uma enfermeira, centralizada em primeiro plano, abraçando um soldado ferido na maca. A proposta do cartaz é clara. A disposição desta mulher-enfermeira nos remete à imagem conhecida como Pietà, a mais famosa é a esculpida por Michelangelo, onde Maria segura nos braços seu filho Jesus Cristo, já morto. O próprio discurso trazido pelo cartaz – A Maior Mãe do Mundo, ratifica esta ideia em torno do cuidado, o zelo e a dedicação aos feridos, imagens sempre relacionadas à mulher.

---

<sup>36</sup> BADER-ZAAR, Birgitta. op. cit.



**Propaganda 1 – The Greatest Mother in The World, 1917.**

Artista: Alonzo E. Foronger.

Fonte: [http://www.warandgender.com/5\\_fig010.jpg](http://www.warandgender.com/5_fig010.jpg)

O folheto a seguir retrata os cuidados de uma enfermeira da cruz vermelha britânica para com um soldado ferido. A propaganda traz frases a serem consideradas como um “lema” a ser cantado, orientando as funções e papéis dessas enfermeiras, sendo comparadas a membros da família do soldado: *“Still the weary, sick and dying / Need a brother’s, sister’s care, / On Thy higher help relying, / May we now their burden share, / Bringing all our offering meet, / Suppliants at Thy mercy-seat.”*



**Propaganda 2 – Thou, to Whom.**

Publicado por Bamforth&Co: Inglaterra

Fonte: <http://www.nurse-entrepreneur-network.com/public/viewimage.cfm?imgid=84>

As enfermeiras sempre foram a principal função das mulheres durante as guerras. Fosse pela Cruz Vermelha ou organizadas por uma força armada em particular, as mulheres já atuavam com este papel há muito tempo. De fato, antes da Primeira Guerra Mundial, na Grã-Bretanha, as mulheres só eram permitidas dentro das instituições militares para exercerem este papel.

No cartaz a seguir podemos perceber o apelo à comoção dos homens por ajudar na proteção da família, das mulheres e crianças. O cartaz, cuja autoria é desconhecida, faz

referência ao bombardeio alemão na Grã-Bretanha, trazendo informações de baixas e de feridos por bombardeios. A imagem retrata um caso específico em que uma mulher e seus dois filhos foram mortos dentro de casa.



### Propaganda 3 – Men Of Britain! Would you Stand This?

Fonte: <https://roberthorvat30.wordpress.com/2014/09/14/a-history-of-the-first-world-war-in-one-hundred-blogs-no-6-the-poster-art-of-war-propaganda/>

Como no cartaz lê-se “*It was a Home of a Working Men. Four people were killed in this House including the wife, aged 58, and two children, the youngest aged 5*” podemos levantar a hipótese de que a quarta pessoa viria a ser o pai, provavelmente não alistado. Desta forma, o cartaz tenta se aproximar ao máximo do valor sentimental ao colocar em

primeiro plano uma criança testemunhando o bombardeio e, com isso, pede para os homens cumpram o seu dever, alistando-se às forças armadas.

Entretanto, é importante lembrar que as ideias de família, amor e casamento passaram por mudanças profundas com o desenrolar do conflito. Muitas das mulheres que, ainda novas, passaram pelos anos de 1914-1918, conheceram neste período seus companheiros e, algumas delas os perderam nos campos de batalha. A guerra traz consigo a valorização de certos aspectos sociais mas, em um movimento contrário, traz também questionamentos.

Virginia Nicholson é uma pesquisadora de destaque no que se refere ao papel das mulheres na guerra e seu cotidiano. Em uma de suas obras mais reconhecidas, *Single Out – How Two Million Women Survived Without Men after the First World War*, explora como o casamento – um dos pilares sociais fundamentais na vida de muitas mulheres, passou por mudanças e reprovações significativas quando estas enfrentaram de forma abrupta o sofrimento da perda e a desilusão de uma vida a dois. A guerra e todo o seu contexto, esfriara por um lado o desejo destas mulheres.

Em um dos depoimentos que ilustram seu livro sobre memórias, Nicholson nos traz a experiência de Margaret Jones, que durante a guerra trabalhava em uma fábrica de tecidos em Cheshire, Inglaterra. Margaret, referida no livro como May, conta sobre o início de seu relacionamento, cinco anos antes do início da guerra:

It was love's young dream... We walked for miles through fields, woods and contry lanes. I sometimes wonder what we found to talk about. We both loved and enjoyd nature's wonderful treasures (...) Phillip introduce me to poetry too... He often quoted a few lines of poetry when speaking to me (...) I was very young at that time(...)<sup>37</sup>.

Com a voluntarização de Phillip para servir ao exército britânico na França como maqueiro May não teria outra escolha a não ser ficar no aguardo de notícias que chegavam esparsas, através de cartas ou muitas vezes por postais. Contudo, enquanto uma das cartas que recebera lhe dava a notícia de que Phillip estaria livre do serviço em poucos dias, uma outra trazia algo que Margaret não esperava:

Then everything was shattered; a letter came from the War Office to say he had been killed in action. The shock and loss was

---

<sup>37</sup> NICHOLSON, Virginia. *Single Out – How Two Million Women Survived Without Men After the First World War*. Londres: Penguin Books, 2008. p.3.



terrible, I felt I had lost half of myself, or was it my twin soul. I knew then that I should die an old maid<sup>38</sup>.

O cotidiano da guerra era algo que estremecia os valores da época tanto para homens quanto para mulheres. O sofrimento de Margaret Jones fora experimentado e compartilhado por muitas mulheres que viveram tal época. Ao passo que alguns questionem os valores da família no pre-1914 e no período entre guerras, o que podemos refletir é sobre como a guerra ratifica tais valores ou como e por que ela os fragiliza. Enquanto que a perda de um homem possa vir a fragilizar a ideia de matrimônio – onde muitas nunca mais se casaram e não tiveram filhos; por outro lado, o retorno de filhos e maridos dos campos de combate fortaleciam ainda mais os laços e hierarquia familiares e sociais.


Entretanto, o sofrimento da guerra convivia lado-a-lado com o empenho das mulheres no esforço de guerra. A mobilização e o voluntariado nunca foram tão necessários e movimentavam, dia após dia, um número maior de mulheres. Nas fábricas, nos campos, nas escolas, nas ruas, nos hospitais e nas forças armadas, surgiam cada vez mais organizações exclusivas de mulheres para o trabalho.

Os trabalhos auxiliares para as forças armadas vinham com uma significação diferenciada para essa mobilização. Enquanto as mulheres no pré-guerra já participavam da economia, sua participação nos exércitos em guerras anteriores vinham quase que exclusivamente através do papel de enfermeiras. Contudo, a Primeira Guerra Mundial trouxe a necessidade de expandir esta atuação para além dos hospitais de campanha, convocando mulheres para compor com os quadros de serviços auxiliares, liberando os homens de tais serviços para atuarem no front.

Um dos órgãos mais significantes do período, o WAAC (Women's Army Auxiliary Corps), foi oficialmente fundado em 1917 com a função primeira de liberar homens para o serviço militar e trazer voluntárias para atuarem nos serviços auxiliares do exército. Um ano antes já havia se proposto a criação de tal órgão, onde essas mulheres não trabalhariam somente nos serviços exclusivos para o exército mas, mais importante talvez, trabalhariam diretamente no esforço de guerra, em fábricas de munições e armamentos. O cartaz abaixo convoca mulheres para as funções de cozinheiras, motoristas, garçonetes, todas as formas de serviço doméstico e tantas outras capacitações em que pudessem atuar, liberando assim os homens para servir em combate.

---

<sup>38</sup> NICHOLSON, Virginia. **Single Out – How Two Million Women Survived Without Men After the First World War**. Londres: Penguin Books, 2008. p.4.

G  R

**WOMEN**  
URGENTLY WANTED  
*for the*  
**W.A.A.C.**  
**WOMEN'S ARMY**  
**AUXILIARY CORPS**

**WORK AT HOME**  
**AND ABROAD**  
**WITH THE FORCES**

**COOKS CLERKS**  
**WAITRESSES**  
**DRIVER-MECHANICS**

ALL KINDS *of* **DOMESTIC WORKERS**  
& WOMEN *in* MANY OTHER CAPACITIES  
TO TAKE THE PLACE OF MEN

**GOOD WAGES**    **QUARTERS**  
**UNIFORM**    **RATIONS**

FOR ALL INFORMATION & ADVICE APPLY AT  
**NEAREST EMPLOYMENT EXCHANGE**  
THE ADDRESS CAN BE OBTAINED AT ANY POST OFFICE

IWM

**Propaganda 4 – Women Urgently Wanted for the W.A.A.C**

Autoria Desconhecida

Fonte: Imperial War Museum: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/31373>

O objetivo deste trabalho, contudo, mais do que analisar as relações de gênero durante a guerra é trabalhar especificamente com o ingresso dessas mulheres nas forças armadas, principalmente na Marinha e Aeronáutica. Desta forma, faz-se necessário o mínimo de conhecimento sobre a formação destas instituições e órgãos durante a Primeira Guerra Mundial pois, justamente entre os anos de 1914-1918, a convocação para tais

órgãos se intensifica – esta guerra, em particular, demanda atenções particulares para cada força armada em especial, criando para cada uma delas órgãos femininos específicos para compor os quadros dos serviços auxiliares. Os órgãos criados para a Primeira Guerra Mundial voltariam a se organizar mais tarde, nos primeiros anos da Segunda Grande Guerra.

#### 1. 1. 1. W.R.N.S (Women’s Royal Navy Service – 1917-1919)

Como mencionado no início deste capítulo, a participação de mulheres nas guerras não é fato exclusivo do século XXI. No caso inglês, existem registros destas participações – de forma oficial ou não – para as guerras mais significantes passadas pela Grã-Bretanha ao longo dos séculos, nos fazendo retornar alguns anos antes de 1939 para ilustramos as mudanças significativas que viriam repercutir na Segunda Guerra Mundial.

A atuação das mulheres que serviam ao Women’s Army Auxiliary Corps nos primeiros anos da guerra impulsionaram o voluntariado para os serviços auxiliares do exército britânico. Muitas mulheres tinham, através deste corpo em particular, a possibilidade de se filiar à uma instituição militar que, na época, eram em sua maioria, ambiente de atuação quase que exclusivamente masculina, salvo as enfermeiras. Contudo, o desenrolar da guerra cria novas necessidades, muitas delas peculiares de cada força armada e entende-se a urgência por órgãos específicos para atuarem por cada uma delas.

“Already women were doing men’s work in factories and dockyards, and the Women’s Auxiliary Army Corps was providing ‘female substitution’ to relieve soldiers for fighting duties. Sir Eric had asked if the Navy could share the W.A.A.C, but no decision had been reached. By the autumn he decided that the Navy must move on its own to set up its own women’s corps (...).”<sup>39</sup>

Em Novembro de 1917, o Almirantado escreve à coroa britânica em busca de autorização para a formação de um órgão exclusivamente feminino para auxiliar as tropas da marinha durante a guerra:

“Sir Eric Geddes, with his humble duty, begs to inform Your Majesty that the Board of Admiralty have under consideration the possibility of substituting women for men on certain work

---

<sup>39</sup> MASON, Ursula S. **Britannia’s Daughters – The Story of the WRNS**. Pen&Sword: Barnsley, 2011. p. 2.

ons here directly connected with the Roal Navy and as a resulto f full enquiry, it is recommended that a separate Women's Service should be instituted for the purpose. It is submitted for Your Majesty's approval that the servisse should be called THE WOMEN'S ROYAL NAVY SERVICE (...).<sup>40</sup>

A formação dos quadros de pessoal para o órgão foram sendo formados a partir da seleção de voluntárias e pela transferência daquelas que já serviam ao W.A.A.C e que tinham o desejo de migra para a Marinha. O recrutamento de todas as mulheres para ingressar no W.R.N.S deveria acontecer através das bolsas de emprego locais onde faziam uma primeira entrevista. Segundo Mason, muitas mulheres não alcançavam os padrões requeridos e eram redirecionadas para outros setores que necessitavam de mão-de-obra<sup>41</sup>:

To understand why the setting of standars was so importante one must try and understand the way in wich our society was organised in 1917 – a completely diferente world from the one we live today. A good many women had been involved in pre-1914 campaign o gain the vot. As soon as war broke out the Suffragettes publicly announced that all energies would be devoted to winning the war. (...)Women from 1914 on were able to find work in engeneering, the public services, in factories, in munitions, and other occupations not normally designated as 'women's work'. They surprise men by teir high pitch of excellence.<sup>42</sup>

O treinamento teria que ser rápido e adequado para que a substituição dos homens fosse plenamente eficaz – seu treinamento técnico envolvia o aprendizado da disciplina militar, comportamento e eficiências gerais e que estivessem familiarizadas com as normas e regulamentos da instituição. Os treinamentos duravam cerca de duas ou três semanas, de forma integral, e sua filiação só estaria completa após este período com a devida aprovação por seus superiores.

O cartaz abaixo retrata uma mulher do W.R.N.S, no período da Primeira Guerra Mundial. No centro do cartaz ela se destaca em primeiro plano, em cima de um penhasco de calcário, com o uniforme azul-marinho, sobressaindo em meio a outros elementos que remetem à Marinha como o mar, o litoral à direita, um farol ao fundo e algumas gaivotas voando. Seus braços podem significar um pedido de ajuda, chamando as mulheres para se alistarem. As flores brancas, na base do cartaz, pode nos remeter a necessidade de se levar

---

<sup>40</sup> MASON, Ursula S. *Britannia's Doughters – The Story of the WRNS*. Pen&Sword: Barnsley, 2011. p. 1.

<sup>41</sup> Idem. p. 6.

<sup>42</sup> Idem. p. 6.

uma imagem mais feminina às mulheres. A saia esvoaçante, o batom vermelho marcante e as flores acabam trazendo não só uma dramatização ao cartaz como procura identificar a feminilidade da imagem, atraindo assim, mulheres a servir.



**Propaganda 5 – Women's Royal Naval Service**

Artista: Joyce Dennis

Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/7403>

Apesar de seu empenho e atividades terem sido constantemente reconhecidas e solicitadas, a desmobilização do W.R.N.S começa de forma gradual em Fevereiro de 1919 e o órgão é extinto em Outubro do mesmo ano. A desmobilização ocorrera pela onerosidade

da organização e pelo próprio contrato – a maioria dos órgãos criado pelas forças armadas tinha por objetivo a mobilização durante o período da guerra e nada a respeito da sua manutenção no pós-guerra havia sido mencionada, a não ser pela própria diretoria do órgão que tentara sustentar um grupo reduzido para atuar em tempos de paz.

Após a desmobilização as mulheres deixavam seus postos vagos para serem ocupado novamente por seus maridos, irmãos, filhos. O retorno para a casa aconteceu de formas diferentes para cada uma delas, onde umas ansiavam por retornar para o aconchego familiar, outras para tentar reconstruir a vida a dois e outras ainda, tentariam ingressar novamente no mercado de trabalho, pois tinham a necessidade de trabalhar.

For many women the prospect ahead was bleak. Some returned happily to the bosom of their families. Others went off to start their own homes with newly demobilized husbands. Yet others had to find Jobs – and, for all the talk about women’s emancipation, this was difficult. Those Jobs available were badly paid and without career prospects. Some of the Headquarters staff stayed on for a few days after the end, to clear up, but were not paid.<sup>43</sup>

Algumas organizações continuaram no pós-guerra, onde as mulheres podiam se encontrar e confraternizar, pois nem mesmo uma reserva do órgão foi pensada ou organizada. O W.R.N.S só voltaria a ser mobilizado, às pressas, para atender as demandas da Segunda Guerra Mundial.

#### 1. 1. 2. W.R.A.F (Women’s Royal Air Force – 1918-1920)

Antes de ingressarmos na história e na formação do Women’s Auxiliary Air Force (WAAF), é importante mencionar a contextualização deste órgão e de suas bases formadoras.

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o quadro geral referente às mulheres nas instituições militares se modificou de acordo com a organização das próprias instituições. A força aérea britânica deste período (e a anterior) era composta pelo R.F.C – Royal Flying Corps. O R.F.C funcionava sob o comando do poderio aeronáutico e coexistia

---

<sup>43</sup> MASON, Ursula S. **Britannia’s Daughters – The Story of the WRNS**. Pen&Sword: Barnsley, 2011. p. 31.

com outro órgão aéreo conhecido como R.N.A.S (Royal Navy Air Service), que realizava a segurança e defesa das fronteiras aéreas britânicas.

Contudo, o final da Primeira Guerra trouxe à pauta da defesa, uma visão diferente sobre o órgão, pois seria interessante expandir e investir em uma força aérea mais presente e mais forte – como o próprio exército e a marinha britânica, sempre bem aparamentados. Desta forma, a ideia de se fundir as duas organizações (R.F.C e R.N.A.S) para formar a Real Força Aérea (R.A.F.) foi considerada, ainda que sob algumas divergências sobre o futuro da organização, eficiência tática e poderio militar. Em abril de 1918 a Royal Air Force foi fundada.

Com a formação da R.A.F, pensou-se em aparelhar tal organização com um corpo feminino auxiliar – assim como tinham o Exército e a Marinha – pois havia a preocupação de que a RAF teria necessidade de mão-de-obra feminina especializada para seus serviços. Para tal, seria necessário transferir algumas voluntárias do W.A.A.C e do W.R.N.S para iniciar a formação de corpo deste novo órgão. No mesmo ano, em Abril de 1918, era formado a W.R.A.F (Women’s Royal Air Force).

No one knew it then, but First World War was in its final year. On 1 April 1918, the Royal Air Force was formed by the merge of the Royal Naval Air Service and the Royal Flying Corps. And on the same day, the Women’s Royal Air Force emerged from the Women’s Royal Naval Service and Queen Mary’s Army Auxiliary Corps, both already attached to flying units of their respective Service to release airmen for more active duties.<sup>44</sup>

O órgão mencionado acima, Queen Mary’s Army Auxiliary Corps (QMAAC), era o nome inicial dado ao Women’s Army Auxiliary Corps e de vez em quando mencionado em seu lugar. Além das funções de secretariado e escritório – quando assumiam as funções de secretárias e taquígrafas – as mulheres também eram convocadas para atuarem na parte técnica, desde a fusão de acetileno até mesmo no reparo das lonas dos balões. As funções de escritório coexistiam, em grande número, com as de serviço doméstico onde as mulheres assumiam os postos de costureiras, cozinheiras, garçonetes, faxineiras, lavadeiras etc.

Contudo, muitas delas já desempenhavam funções semelhantes antes da guerra. Na área propriamente da aviação foi onde sua atuação foi “testada” e reconhecida. Faziam velas de barco, atuavam como carpinteiras fazendo asas de aviões, hélices e estruturas de aviões. Também eram responsáveis pelos acabamentos das aeronaves e pelas pinturas das

---

<sup>44</sup> TURNER, John F. **The WAAF at War**. Barnsley: Pen&Sword, 2011. p. 7.

mesmas, com o clássico círculo de três cores, azul, branca e vermelha – como o visto no cartaz de convocação abaixo. Uma mulher fardada se apresenta em destaque no cartaz apontando para o círculo tricolor, símbolo da aeronáutica britânica, onde estão descritas as funções nas quais as mulheres poderiam se inscrever.



**Propaganda 6 – British Women! WRAF**

Artista desconhecido.

Fonte: Imperial War Museum: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/40915>

Após a criação do W.R.A.F, aquelas mulheres lotadas nas unidades da W.A.A.C e W.R.N.S tinham a opção de transferirem suas inscrições para o novo órgão e em seus primeiros meses, aproximadamente 9.000 mulheres optaram por fazê-lo. Junto aos pedidos de transferências, ocorreram os alistamentos de civis que aumentaram significativamente



os quadros da organização. No início, a W.R.A.F alcançou um total de 24.659 membros e, já em 1919, mais de um milhão de mulheres faziam parte do pessoal que estava em serviço em postos na Alemanha.

Com pouco treinamento e sem áreas de formação especializadas, os salários eram baseados de acordo com as experiências e habilidades individuais *“though given no organized training, the WRAF carried out a remarkable number of jobs, from sailmakers and doper of planes to engine fitters (...)”*<sup>45</sup>. Essa pode ser considerada a área de maior trabalho técnico mas, segundo os arquivos do R.A.F Museum<sup>46</sup>, a maioria das mulheres eram convocadas a trabalharem como secretárias, auxiliares e taquígrafas, sendo este último, o trabalho mais bem remunerado entre os outros. Aquelas que eram alocadas para fazerem o trabalho doméstico, chamado de House Hold Section, eram as que trabalhavam períodos mais longos e que recebiam salários mais baixos.

Com o tempo, a W.R.A.F se expandia tanto em números de inscritas quanto em áreas de atuação – cinquenta novos departamentos foram criados, e as mulheres puderam atuar como fotógrafas, na área de corte e costura, restauração, criação de pombos, como motoristas, etc.<sup>47</sup>

As duas fotografias a seguir ilustram algumas das atividades por elas exercidas. Na primeira, Fotografia 2, temos uma aula teste de culinária em que quatro cozinheiras são treinadas e inspecionadas por duas superiores. O quadro negro ao fundo, lê-se “Test Dinners 10 - 12 AM”. A fotografia em si parece ter elementos arranjados para o momento. A posição tanto do quadro quanto das cozinheiras pode nos fazer questionar sobre a função e o propósito da fotografia – se esta não teria sido tirada com o intuito de divulgar as funções das mulheres da W.R.A.F. Muitas fotografias de guerra são manipuladas para este propósito, como analisaremos mais a frente neste trabalho.

---

<sup>45</sup> ESCOTT, BERYL E. **The WAAF: a history of the women’s Auxiliary Force in the Second World War**. Buckinghamshire, Reino Unido: Shire, 2011. P. 3.

<sup>46</sup> Arquivos de pesquisa online disponíveis em inglês: < <http://www.rafmuseum.org.uk/research/online-exhibitions/women-of-the-air-force/womens-royal-air-force-wraf-1918-1920.aspx> >.

<sup>47</sup> Arquivos de pesquisa online disponíveis em inglês: < <http://www.rafmuseum.org.uk/research/online-exhibitions/women-of-the-air-force/womens-royal-air-force-wraf-1918-1920.aspx> >.



**Fotografia 2 - Cozinheiras da WRAF preparando uma refeição teste, em uma manhã de treinamento.**  
Fotógrafo desconhecido.

Fonte: Imperial War Museum: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205317509>



**Fotografia 3 – Costureiras da WRAF na produção de balões de barragem.**

Fotógrafo desconhecido

Fonte:Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205090939>

Na Fotografia 3, um grupo de onze mulheres trabalha em um salão na produção de asas de aviões e costurando tecidos próprios para balões de barragem. Enquanto um grupo lixa, outro costura e um terceiro faz os acabamentos.

Aquelas que tinham o interesse em juntar-se a uma força, encontravam algumas dificuldades que não só a desaprovação social frente a sua escolha, mas também às questões mais gerais, como a de classe, cor da pele e descendência familiar. A idade mínima para ingressar na W.R.A.F era de dezoito anos e o processo de seleção, de certa forma, complexo. Em uma análise mais geral, ainda de acordo com os arquivos da R.A.F, aquelas mais pobres provenientes de cidades muito poluídas e com o quadro de saúde um pouco prejudicado eram excluídas do alistamento. Já aquelas de classes mais altas, com boa educação, eram recrutadas como oficiais e tornaram-se o suporte principal da organização.

A organização da W.R.A.F tinha-se de duas formas: a seção Imóvel e a Móvel. A primeira se resumia àquelas mulheres que vivam em suas casas e eram ligadas a um posto de serviço local. As “móveis”, residiam nos quartéis ou arredores de onde trabalhavam e podiam ser transferidas e alocadas para outras estações, quando necessário.

Os treinamentos, regras de convivência e comportamento eram monitorados pelo pessoal da R.A.F e regido sob suas regras e constituições. Seus rigores e organização de pessoal levaram a W.R.A.F a ser o órgão feminino mais profissional e disciplinado dentre todos os outros<sup>48</sup>.

Contudo, como todos os órgãos femininos criados na Grã-Bretanha por ocasião da guerra, a W.R.A.F encontraria seu fim tão logo a Primeira Guerra terminasse, em 1918 principalmente por que tanto o governo quanto o oficialato da Aeronáutica, consideravam a manutenção do órgão deveras oneroso para a instituição, dispensando assim as mulheres de seus serviços.

### 1. 3. A Segunda Guerra Mundial: novas recrutas

No dia 1º de Setembro de 1939, a Alemanha ataca a Polônia com o objetivo de reconquistar seus territórios perdidos após a Primeira Guerra Mundial. Imediatamente após o ataque, França e Grã-Bretanha aliam-se e declaram guerra aos alemães dando início ao que conhecemos como a Segunda Guerra Mundial. Neste contexto, a preparação dos países

---

<sup>48</sup> \_\_\_\_\_ . RAF. op. cit.

para a guerra se intensifica e a convocação de homens para compor as forças militares aumenta dia após dia.

Em todos os países a saída de homens para atuar nos campos de batalha acabou por defasar a economia, esvaziando indústrias; desestabilizou a agricultura, os serviços civis, etc. A forma de lidar com esta questão em particular foi solucionada, inicialmente, de maneira distinta pelos países que participaram da guerra. Enquanto na Grã-Bretanha viu-se nas mulheres a possibilidade de suprir tal demanda, com uma incrível mobilização para compor tais vagas, na Alemanha, por exemplo, isso já não era tão visível. Winston Churchill ao se dirigir ao povo britânico prometendo “sangue, trabalho, lágrimas e suor” incluía neste discurso também as mulheres.<sup>49</sup>

(...) I would say to the House, as I said to those who have joined this government: "I have nothing to offer but blood, toil, tears and sweat. We have before us an ordeal of the most grievous kind. We have before us many, many long months of struggle and of suffering. You ask, what is our policy? I can say: It is to wage war, by sea, land and air, with all our might and with all the strength that God can give us; to wage war against a monstrous tyranny, never surpassed in the dark, lamentable catalogue of human crime. That is our policy. You ask, what is our aim? I can answer in one word: It is victory, victory at all costs, victory in spite of all terror, victory, however long and hard the road may be; for without victory, there is no survival. Let that be realized; no survival for the British Empire, no survival for all that the British Empire has stood for, no survival for the urge and impulse of the ages, that mankind will move forward towards its goal. But I take up my task with buoyancy and hope. I feel sure that our cause will not be suffered to fail among men. At this time I feel entitled to claim the aid of all, and I say, come then, let us go forward together with our united strength."<sup>50</sup>

Na Inglaterra as mulheres exerciam papéis essenciais durante a Segunda Grande Guerra, tanto nos meios civis quanto militares. O trabalho desempenhado por homens e mulheres no esforço de guerra é conhecido como “Home Front”. Esse termo era utilizado para caracterizar os novos aspectos do dia-a-dia durante a guerra e seus desafios como os racionamentos de comida, roupas, materiais, a reciclagem e os próprios trabalhos nas indústrias de armamentos, munições, nas fábricas de aviões, tanques, navios, etc.

Nos anos iniciais da guerra foram recrutados cerca de quatro milhões de homens para as forças militares e paralelamente cerca de 530 mil mulheres mobilizaram-se para

---

<sup>49</sup> QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra. 1939-1945**. São Paulo: Larousse, 2009. VI. 1. p. 82.

<sup>50</sup> CHURCHILL, Winston. Discurso realizado em 13 de Maio de 1940. Disponível em: [http://www.presentationmagazine.com/winston\\_churchill\\_speech\\_blood\\_sweat\\_tears.htm](http://www.presentationmagazine.com/winston_churchill_speech_blood_sweat_tears.htm). Acessado em:

atuar nos serviços auxiliares e na defesa civil.<sup>51</sup> Pouco a pouco as indústrias foram perdendo seus empregados, criando grandes demandas de mão de obra.

Contudo, havia também o receio em preencher todas essas vagas com mulheres – receios que passavam pelos valores familiares e até mesmo por questões morais, como a de uma mulher ocupar um lugar que poderia ser ocupado por um homem, em companhia de outro homem ou em ambientes estranhos aos que estavam acostumadas. Por essa e por outras razões o governo britânico preferiu, inicialmente, convocar somente voluntárias para preencher os espaços em fábricas. Entretanto, esta convocação não obteve tanto sucesso quanto se esperava, pois se tratava de romper com a integridade do ambiente familiar – mesmo após terem desempenhado papel semelhante na guerra anterior, o período entre-guerras nos apresenta as mulheres tanto em um cenário de lutas contínuas quanto de recolhimento familiar.

Retirar as mulheres de suas casas ainda não era uma ação cômoda e o governo não saberia quais seriam suas consequências mais tardias. O importante era que a economia do país não entrasse em colapso e fatidicamente as mulheres foram chamadas para colaboração. Essa tomada de consciência pode ser percebida em um discurso feito em maio de 1941 por Diana Thomas<sup>52</sup>, transmitido pela BBC:

Today we are calling all women. Every woman in the country is needed to pull her weight to the utmost... It's no longer a question of what is the most comfortable arrangement for each Family. We are fighting for our lives – for our freedom and our future. We are all in together, when what is already being done by other women you can do. Don't be afraid of being alone in your sacrifice – however great it may be... All those little things that are so important in every woman's life – we treasure them and cling to them, they are our life-blood. And now we have got to fight for them. Isn't it worth it? Together, yes it is.<sup>53</sup>

Apesar da convocação das voluntárias para as fábricas ter acontecido, o número atingido de trabalhadoras não foi o suficiente para suprir a necessidade e as expectativas.

---

<sup>51</sup> HART, Robert A. **Did British Women Achieve Long-Term Economic Benefits from Working in essential WWII Industries?** Universidade Stirling. Alemanha. Fevereiro de 2009. Disponível em: <http://ideas.repec.org/p/iza/izadps/dp4006.html>. Acessado em: 9 de Outubro de 2010.

<sup>52</sup> Referências sobre Diana Thomas foram pesquisadas em livros, arquivos e internet. Diana Thomas era, provavelmente, apresentadora e/ou atriz de um jornal de rádio transmitido pela BBC semanalmente chamado “Women at War”. Nele, depoimentos de mulheres e notícias sobre os grupamentos do ATS, WRNS e WAAF eram transmitidos. Os arquivos de rádio da BBC, com suas respectivas listas de programação podem ser acessados digitalmente através do endereço <<http://genome.ch.bbc.co.uk/schedules/forces/1941-11-24>> - este, em particular, traz uma programação de 1941, 24 de Novembro, onde as 20:15 hrs, o programa “Women at War” era transmitido.

<sup>53</sup> ROSS, Stewart. **Women's War – At Home in World War Two**. Londres: Evans Brothers, 2007. p. 6.

Assim, em abril de 1941, o governo acaba instituindo o recrutamento de mulheres para o esforço de guerra: poderiam optar por empregos civis, auxílio ao exército e defesa civil. Robert Hart comenta em seu trabalho que esse insucesso inicial da convocação aconteceu principalmente porque o governo não ofereceu um acompanhamento adequado para essas mulheres. Acompanhamento este que deveria cuidar (controlar e zelar) pelo preenchimento de vagas estratégicas e/ou pela manutenção do emprego adquirido:

It was soon realized, however, that such supply was falling well short of projected demand. In early 1941, the government required women to register for employment. While this was an important step forward, it was not accompanied by adequate controls that ensured that as many women as possible filled strategic vacancies and remained working in essential jobs. Finally and most importantly, at the beginning of 1942 all young women entering the labor market or changing job were effectively conscripted into essential war work.<sup>54</sup>

Por esta falta de controle, as vagas para auxiliares de exércitos eram as mais procuradas – os cartazes e as convocações para auxiliares militares eram muito bem vistos, passando sempre uma ideia de prestígio e de honra para essas mulheres. Muitas já exerciam algum tipo de trabalho fora de casa, comumente como professoras. Mesmo com a ideia de poder trabalhar em prol de um bem comum, independente de qual função seria essa, a ideia de servir a uma instituição militar era somada à maior visibilidade deste trabalho, em um ambiente e contexto mais diversos, trazendo a ideia de um status social.

Como visto anteriormente, alguns dos órgãos criados neste período já tinham funcionado na Primeira Guerra Mundial, como o Women's Royal Navy Service (WRENS) e Women's Auxiliary Air Force (funcionara antes como W.R.A.F), já outros ou foram adaptados ou criados para a guerra em questão. Todos os órgãos e grupamentos exclusivamente femininos nas forças armadas foram criados com o objetivo de tirar os soldados de funções secundárias e auxiliares. É possível observar isto nas próprias siglas e nomes de tais órgãos, que teriam sua função primeira em prestar serviços e trabalhos auxiliares.

E trabalhar não seria o problema. Um exemplo forte para provar isso seria a criação do ATS – Auxiliary Territorial Service (Serviço de Auxílio Territorial) no ano de 1938, Grã-Bretanha, às vésperas da guerra. De início o ATS contava com cerca de 17.000 voluntárias e em meados de 1943 seu número crescera pra mais de 200.000. As mulheres que serviram neste grupamento faziam todo tipo de serviço – menos atirar ou atuar

---

<sup>54</sup> HART, Robert. Idem. p. 2.

diretamente no conflito. Mas fora isto, seus serviços mais comuns eram dirigir caminhões, motocicletas, ambulâncias, trabalhar como engenheiras, cozinheiras, tradutoras, fiscais etc.

A seleção para o A.T.S acontecia de forma intensa e foi o maior órgão feminino a atuar na guerra. Mulheres das mais variadas idades e classes acabavam convivendo com suas diferenças e semelhanças dentro dos quartéis. As imagens a seguir, retratam a atual rainha da Inglaterra, Elizabeth II, aos 18 anos, atuando como membro do A.T.S ao lado de outras integrantes.

Na Fotografia 4, Elizabeth aparece sentada no centro da foto, ao lado de duas colegas com cachorros mascotes, rodeada de suas colegas de classe, todas estão devidamente fardadas. A fotografia foi feita em um centro de treinamento do A.T.S em abril de 1945.



**Fotografia 4- Princess Elizabeth Undergoing Instruction at the ATS, 1945.**

Fotógrafo oficial do Exército Major Horton W. G.

Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205127875>



**Fotografia 5 – Princesa Elizabeth trocando pneu de uma caminhonete, 1945.**

Fotógrafo desconhecido.

Fonte: The Daily Telegraph - <http://www.dailytelegraph.com.au/photos-e6freuy9-1226164731530?page=13>

A atual rainha foi a primeira mulher, membro da família real britânica, a servir oficialmente nas forças armadas, após convencer seu pai que deveria cumprir com suas obrigações com o esforço de guerra. Na fotografia 5, tirada em 1945, a então princesa Elizabeth é retratada trocando um pneu de uma caminhonete.

Como dito anteriormente, as membros do A.T.S exerciam atividades das mais gerais. Elizabeth é comumente associada às funções de mecânica e motorista. A fotografia 5 é claramente montada – muitas das fotografias tiradas durante as guerras (e por questões de tecnologia e portabilidade, em maior quantidade durante a Segunda Guerra Mundial) são produzidas intencionalmente e não retratam momentos espontâneos, de modo geral. Contudo, é importante perceber que a própria montagem de tais fotografias serviam a um propósito. A fotografia 4, produzida pela própria imprensa do exército, localiza a princesa no centro de suas companheiras, já demonstrando a sua posição social e política. Já na fotografia 5, a retratação da princesa serve como exemplo e inspiração para tantas outras mulheres, já que ali, ela desempenha uma função “comum” e rude, mexendo com caminhões, motores, pilotando-os, etc. Provavelmente a segunda fotografia também foi



produzido pela imprensa de guerra ligada ao exército pois a imagem de membros da família real tinham que ter autorização para serem feitas e veiculadas.

A partir destas fotografias podemos pensar, ainda, a respeito da diversidade de mulheres, com suas personalidades e diversidades sociais, que serviram lado a lado durante a guerra. Cada uma com um objetivo, função ou ideal, as mulheres que aqui são retratadas e estudadas não possuem um perfil único, apesar de terem passado pelos mesmos treinamentos e assumido funções semelhantes. É aqui que as relações de gênero e seu estudo encontram seu principal argumento conceitual – estudar a participação das mulheres não é de forma alguma, reduzi-las à um perfil, generaliza-las. Trabalhar com as relações de gênero significa trabalhar com uma infinidade de mulheres e de homens, todos com suas peculiaridades e passados específicos, com motivações diferentes que os levaram até ali.

Obviamente, mesmo passando pelos mesmos treinamentos que outras mulheres, Elizabeth continuava sendo uma princesa e, por este motivo, por sua posição política e social, poderia ser tratada com algumas peculiaridades e distinções. É válido ressaltar que todo o trabalho de análise fotográfica deste trabalho levará em conta as particularidades de se trabalhar com tal fonte histórica – a questão do posicionamento, local, referência, data, manipulação da fotografia, objetivo da foto, etc.

Contudo, apesar de servirem em um corpo do exército britânico ficava evidente que as mulheres ainda eram vistas como “mulheres”. O exército ainda se mantinha em uma posição extremamente conservadora mesmo que homens e mulheres dentro das forças tivessem tratamentos parecidos e convivessem nos mesmos espaços: “... *alguns homens se incomodavam em ter que saudar as oficiais do ATS, mas mudaram de atitude quando perceberam como elas eram boas soldadas. (...)*”.<sup>55</sup>

Um ponto delicado de se pensar a respeito desta participação feminina nos exércitos é aquilo que se entende por “militar” e como podemos enxergar essas “mulheres militares”. Delicado, pois as próprias funções de tais mulheres dentro destes órgãos militares eram limitadas impedindo-as, por exemplo, de atuarem nas linhas de frente – ou seja, não podiam ser combatentes. Entretanto, tal função é comumente limitada quando falamos de mulheres e o exército. A política de quase todos os países participantes do conflito se assemelha quanto a não-aceitação de mulheres nas frentes de combate. Então, como entender a mulher, ou as mulheres, dentro destas instituições? A definição de militar como adjetivo traz: “que diz respeito às forças armadas, aos soldados: arte militar, meio

---

<sup>55</sup> HART, Robert. Idem. Pág. 8

militar.”<sup>56</sup> Desta forma, compreendemos que uma “mulher militar” seria aquela mulher inserida no meio militar, das forças armadas, que faz parte do contexto e do ambiente militar.

Contudo, se fizermos o exercício de análise com a mesma fonte do significado de “militar” como substantivo, podemos encontrar um impasse: “...*S.m. Aquele que integra as forças armadas*”<sup>57</sup>. Neste caso, existe uma suposta exclusão das mulheres desta definição, quando ela própria traz para o substantivo “militar” características meramente masculinas, definindo-o como “substantivo masculino” – mesmo que para a língua portuguesa, a generalização dos gêneros venha na redução ao masculino. Claro, que pensamos estas definições a partir dos seus usos e aplicações no cotidiano – de onde elas nascem e se perpetuam, contextualizando seu uso.

As definições foram retiradas de um dicionário brasileiro, retratando em língua nativa o que se entende por esta palavra, ou o que ou a quem ela se dirigia. Se no contexto geral a palavra “militar” surge em meio aos militares – desde a criação da primeira força armada – onde estes, em sua totalidade eram homens, pelas possibilidades de atuação neste espaço, a palavra “militar” terá características deste meio e deste contexto em específico. E suas variações de significado podem ser percebidas nas definições para a mesma palavra em outras línguas, quando esta existir – o que no caso do Inglês, não acontece literalmente, uma palavra que designe exatamente o que “militar” em português pretende significar. Esta provocação foi colocada para trabalharmos a ideia da formação da mulher militar. Como pensar a respeito e retratá-la em um ambiente quase que exclusivamente masculino. E para isso, quando nos referirmos a “mulher militar” ou “mulheres militares” estaremos pensando nas mulheres que serviram em uma instituição militar, a partir de um alistamento e que passaram por um treinamento específico a sua força armada.

Contudo, pensar a mulher militar também nos traz aos questionamentos das funções que elas adquiriram durante a Segunda Guerra Mundial. Como vimos, a maioria dos países participantes assemelhavam-se em suas políticas quando não consideravam a participação de tais mulheres como combatentes. São estas políticas, que aqui podemos considerar como politizações do gênero, que ampliam, moldam e restringem esta atuação feminina e masculina. Como exemplificado pelos próprios nomes dos órgãos femininos que aqui analisamos, quase que unanimemente as vagas ofertadas são para serviços auxiliares e

---

<sup>56</sup> Dicionário Aurélio Online. Palavra-chave: Militar

<sup>57</sup> Idem.

administrativos, mas nunca para atuarem como combatentes<sup>58</sup>. Pensar em um soldado combatente, um militar combatente, compreende-se aquele que porta armas e que se encontra em combate ou apto a estar em combate, nas linhas de frente em um confronto direto com o inimigo. Apto não só no sentido de preparação física e/ou psíquica, estar treinado. E sim, apto legalmente e moralmente a fazê-lo, pois muitas mulheres que estavam nos quadros de pessoal militar sabiam atirar e tiveram treinamento físico e psicológico, assim como outras disciplinas mas, mesmo assim, não eram autorizadas a portar armas e estarem presentes nas linhas de frente – salvo se fossem enfermeiras. A participação da mulher em combate era vista como um erro, algo desumano e desta forma, sempre combatido:

Neste ponto, solicitadas no esforço de guerra e na lógica da guerra total, as mulheres deviam dar um passo suplementar, engajando-se nos exércitos e usando uniforme. (...) Alemães, austríacos e franceses eram contra, exceção feita ao emprego tradicionalmente feminino de enfermeiras, até e inclusive no front, mas não na linha de frente. O argumento principal era (e manteve-se no início da Segunda Guerra Mundial) que seria “contra a natureza” enviar mulheres para serem mortas na guerra. De algum modo, o que era implicitamente admitido para mulheres civis, se tornava insuportável para mulheres de uniforme.<sup>59</sup>

Transitar do mundo civil para o mundo militar requer habilidades e noções específicas; requer a sensibilidade de se perceber em uma nova posição social, com novas funções, novos valores, novos deveres. Cumpre-se com uma função, estabelecida para cada força armada. Particularmente em períodos de guerra, esse alistamento e recrutamento acontecem em meio ao sentimento de patriotismo, que leva estes indivíduos a cumprirem com seu papel social da maneira que podem, pela maneira que são permitidos.

No caso das mulheres, não só pela posição e status, mas por cumprir com um dever, se voluntariam para o serviço militar. Entretanto, mesmo não podendo assumir esta função específica, as mulheres se mostraram muito eficientes em outros cargos nas forças militares, sempre que possível, rompendo com paradigmas e modificando as impressões sobre as relações entre homens, mulheres e o meio militar.

O cartaz abaixo foi veiculado pela imprensa de guerra britânica para convocar as mulheres a se alistarem pelo Auxiliary Territorial Service – A.T.S. O cartaz é simples, sem

---

<sup>58</sup> Com a exceção da URSS, que teve em suas forças armadas, mulheres que atuaram na linha de frente: como atiradoras de elite (snipers) e pilotos nos esquadrões de bombardeios noturnos e diurnos – os primeiros, conhecidos mais tarde como *Nachthexen*, ou, Feiticeiras da Noite.

<sup>59</sup> QUÉTEL, C. op. cit. p.138

grandes informações mas coloca em primeiro plano o desenho de uma mulher loira fardada, em seu *cap* vemos as letras A.T.S, o destaque da cor escura de fundo a faz sobressair ao centro da imagem, com um semblante sério e determinado, em uma posição que remete à disciplina e comportamento militar. Ao mesmo tempo em que apresenta uma postura forte, existe a retratação de uma mulher com um batom bem vermelho, trazendo novamente, a identificação do simbolismo por trás do feminismo. O sombreado e os contornos funcionam quase que como uma seta, indicando o órgão no qual se alistar. Muitos cartazes de convocação funcionavam com esse propósito: transmitir o rigor da instituição e colocar as mulheres nesta posição.



**Propaganda 7 – Join The A.T.S**

Artista: Abram Games

Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/10227>

Na fotografia abaixo, temos a retratação do momento de um alistamento onde uma mulher é entrevistada por uma membro do A.T.S. Podemos ver que ao fundo, vários pôsteres de recrutamento expostos nas paredes do cômodo. De início, eram convocadas mulheres solteiras de até vinte e seis anos. Mais tarde, a convocação passou a abranger mulheres de 18 à 51 anos.



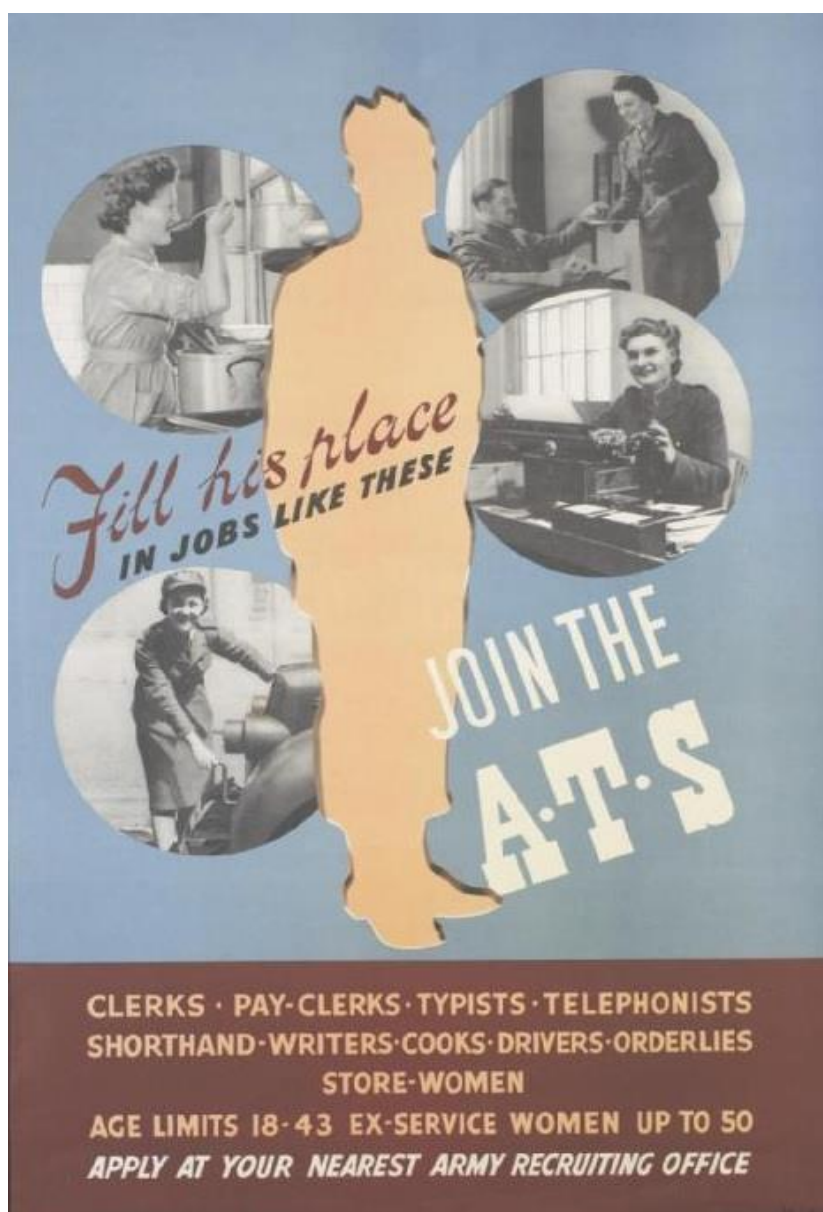
**Fotografia 6 – A.T.S Recruit**

Fotógrafo: Desconhecido

Fonte: ROSS, Stewart. *Women's War – At Home in World War Two*. Londres: Evans Brothers, 2007

É interessante observar que a maioria dos cartazes e propagandas de guerras veiculados tanto pela própria imprensa de guerra, quanto por outras produtoras e através de mídias diversas, trazem o discurso em torno da capacidade da mulher de assumir as funções masculinas e do seu dever em fazê-lo. As mulheres vêm para o cenário do esforço de guerra como substitutas, quase redentoras, dos “lugares masculinos” a serem preenchidos. Enquanto alguns cartazes retratavam um tipo de mulher séria e determinada, a maioria das fotografias as traz em performance e quase sempre sorrindo. Como na foto anterior.

No cartaz de propaganda a seguir, percebemos nitidamente esta visão. Ao centro, uma silhueta nos traz a ideia de um homem fardado, como se representasse um lugar em que uma peça está faltando. Essa imagem retrata um dos tantos homens que tiveram que abandonar – ou que precisaram – suas funções para servirem às forças armadas como soldados. Nos dizeres do cartaz lê-se “*Fill his place in Jobs like these*” - “Preencha o lugar dele em empregos como estes”. Estas vagas vêm descritas mais abaixo e listam as funções de cozinheiras, taquígrafas, digitadoras, motoristas, estoquistas, telefonistas. No plano de fundo do cartaz, atrás da silhueta a ser preenchida, pequenos círculos trazem mulheres atuando nestas funções.



**Propaganda 8 – Fill His Place - Join The A.T.S**

Autor: Frederick Scott

Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/24014>

A organização do A.T.S. já em 1938 consegue convocar cerca de 17.000 mulheres para o serviço e, em 1943 este número chega 200.000<sup>60</sup>. Desde controle de tráfego nas ruas até fiscalização do espaço aéreo, as mulheres que atuaram pela *Auxiliary Territorial Service* tinham as funções e posições mais variadas.

Além do próprio A.T.S., W.R.N.S e W.A.A.F, outros órgãos e organizações femininas compunham o cenário do esforço de guerra. O A.T.A, *Air Transport Auxiliary*, era órgão responsável por pilotar aviões de cargas e levar aeronaves de ponto a ponto e tinha quase que a metade de seus membros composta por mulheres<sup>61</sup>. O *Women's Land Army* era uma organização feminina existente não só na Grã-Bretanha mas coexistiam na maioria dos países beligerantes. Tinha como objetivo organizar as mulheres em torno da produção agrícola de cada região, pois importantes setores do ramo ficavam vagos devido a saída dos homens. Em seu livro, Quéstel nos traz o depoimento de uma mulher canadense, Olive Kirby, que migrou da cidade de Londres onde morava, para o campo para servir ao W.L.A:

Fui enviada a Wiltshire com outras mulheres para formar um grupo de debulhadoras. Foi um choque cultural considerável para uma jovem de 19 anos que nunca se havia afastado da cidade grande e não conhecia quase nada da vida rural. Em meu primeiro dia de trabalho, um rato saiu de uma meda de feno e correu pelas minhas calças. Gritei e joguei longe meu batedor. As pessoas do lugar acharam isso bem estranho, pois não nos estimavam muito (...) Os dias de trabalho de nosso exército agrícola podiam durar até 14 horas, mas fui bastante feliz e nunca tive de trabalhar tanto. Dito isso, o trabalho era desgastante. Até então eu tinha trabalhado em escritórios, e minhas mãos não estavam acostumadas a esse duro labor. Estavam cobertas de bolhas (que infeccionavam).<sup>62</sup>

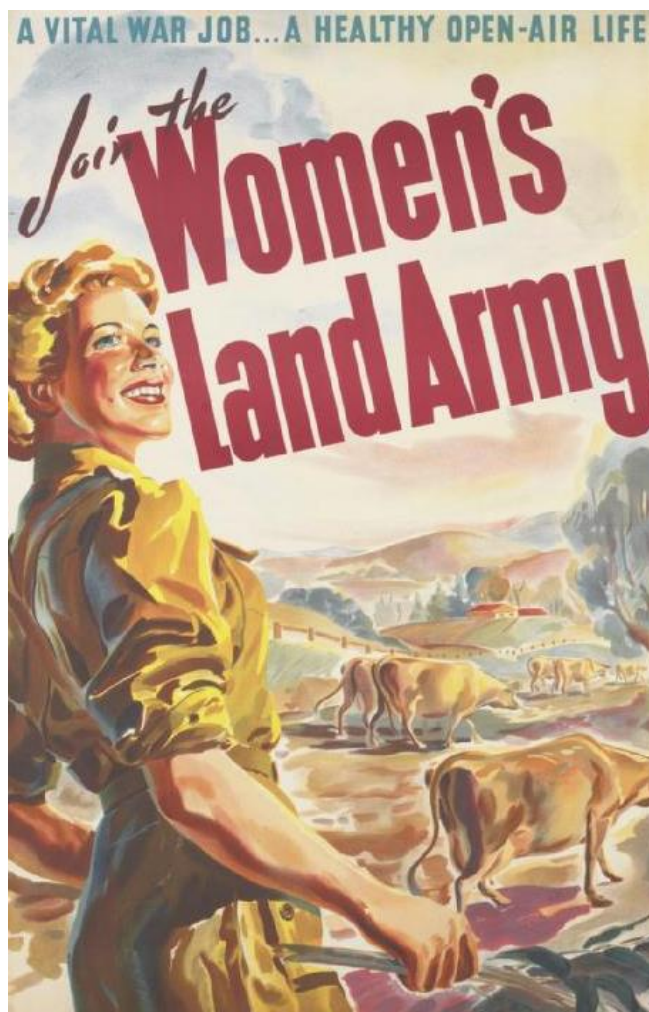
Mesmo atuando nos campos, as referências de todas as organizações e suas características remetem à uma união e organização que imita os motivos militares. No próprio depoimento de Olive Kirby, como vimos acima, as mulheres são referidas atuando em um “exército agrícola”. Tudo aquilo que estava vinculado ao esforço de guerra tinha essas características mais latentes. No próprio cartaz de propaganda a seguir, vemos essas definições e propósitos:

---

<sup>60</sup> ROSS, Stewart. op. cit. p. 11.

<sup>61</sup> ROSS, Stewart. Ibid.

<sup>62</sup> QUÉTEL, Claude. op. cit. p. 98.



**Propaganda 9 – Join the Women's Land Army**

Artista: Desconhecido

Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/33507>

No cartaz, vemos a mulher em primeiro plano, posicionada mais à esquerda com uma posição imponente e sorridente, em meio ao gado da fazenda na qual trabalha. Seu uniforme, cáqui, remete às organizações militares e acaba padronizando os cartazes do W.L.A com a imagem de uma mulher realizada e bem sucedida no trabalho desempenhado para a guerra – presente nos cartazes dos órgãos auxiliares das forças armadas.

Todas as mulheres, fosse no campo, na cidade ou nas forças armadas tiveram que passar por treinamentos intensos e rápidos para preencherem as vagas por todo país. Como vimos no próprio depoimento de Kirby, a seleção de mulheres era bem variada. Enquanto algumas mulheres do campo serviriam à órgãos e instituições na cidade e preenchiam vagas nas indústrias, as mulheres que antes trabalhavam na cidade, migravam para os campos. O intercâmbio realizado por elas no período de guerra fora intenso. Contudo, como dito anteriormente, muitos desses trabalhos já eram realizado em menor em escala por estas



mulheres que já desempenhavam um importante papel na economia no pré-guerra. O interessante de perceber é, ainda, o treinamento e adequação dessas mulheres aos órgãos militares. O convívio com os homens, os treinamentos, as aulas, a postura, comportamento, estar diariamente em locais que eram alvos de ataques constantes – estrategicamente, postos das forças armadas eram objetivo de bombardeios e ataques. A própria adequação dessas forças à entrada das mulheres é algo delicado, pois não tinham estruturas próprias para estabelecer um contingente tão significativo em seus postos.

A entrada das mulheres nestes órgãos é latente. A oportunidade de servir à uma força armada neste período faz com que, como mencionado anteriormente, as vagas se esgotem rapidamente – e a urgência pela criação de novas cresça. É com este posicionamento e treinamento que se pode perceber a adequação e formação destas mulheres, a partir de uma nova concepção de mundo e valores, com novas regras e doutrinas a serem respeitadas – que vão inseri-las em um novo espaço de atuação. Para analisar estas formações, serão apresentados dois órgãos em específico – já mencionados aqui (W.R.N.S e W.A.A.F) e seu processo de criação e o treinamento pelo qual passaram tais mulheres.

## CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos apresentados neste trabalho, foi possível perceber que todo o processo de atuação das mulheres no esforço de guerra – e mais precisamente, durante a Segunda Guerra Mundial – se teve por aquilo que definimos como “politização das relações de gênero” e a consequente adaptação de papéis sociais.

De forma mais abrangente, a análise desta participação pode ser considerada equivalente tanto para as movimentações tidas na Primeira Guerra Mundial quanto para a Segunda Guerra. As formas de mobilização, ainda que em aspectos diferentes, lidaram de forma substancial com os paradigmas sociais de cada época e com o ideal de papel social das mulheres em relação ao dos homens significando que, frente à uma necessidade maior, na qual a sociedade como um todo precisava se organizar em torno do esforço de guerra, a convocação de mulheres pareceu portanto conveniente.

A urgência em se preencher vagas de qualidades distintas aparece como força motriz que movimentaria mulheres a se tornarem operárias de diversas fábricas e a se alistarem para os serviços auxiliares das forças armadas. É pontualmente dentro de tais organizações que pudemos observar o constante jogo de poderes que, ao mesmo tempo em que promove uma espécie de oportunidade para estas mulheres acaba também por limitar as formas de atuação das mesmas evidenciando assim, a teoria da politização dos gêneros com base na predisposição cultural na qual o gênero feminino era inserido na Grã-Bretanha dos anos quarenta.

Essa ideia por trás da mudança de status social foi visivelmente trabalhada nos cartazes aqui analisados. A convocação primava por demonstrar que as mulheres que liberavam homens para as frentes de combate estariam assim cumprindo um dever e ainda, provando suas capacidades em novas funções. A idealização de uma nova posição social vinha com as imagens de mulheres sempre sorridentes, fardadas em serviço em atividades consideradas nobres.

Percorrer e analisar os processos de formação dos órgãos da Marinha (W.R.E.N.S) e da Aeronáutica (W.A.A.F.) britânicas esclarece de forma precisa as hipóteses aqui pretendidas. De início, a já mencionada politização do gênero frente as necessárias mudanças (ainda que temporárias) nos papéis sociais. Para tal, Foucault nos foi útil quando utilizamos suas ideias em torno das relações de poder e dominação de corpos. Ainda que criticado por muitas teóricas feministas, sua obra é sem dúvida utilizada como referência nos estudos em tal área e, para este trabalho, pôde contribuir em paralelo às teorias de

Judith Butler e Joan Scott, para a análise do gênero como algo intrinsecamente cultural e sensível aos jogos de poder e dominação social. No caso, as mulheres que antes eram relegadas à papéis sociais de cunho doméstico e entendidos como “privados”, administraram quando inseridas no esforço de guerra, funções que antes não eram permitidas a exercer.

Se em aspectos mais gerais e comparativos ao período da Primeira Guerra Mundial, as mulheres da década de quarenta já possuíam maior autonomia em relação àquelas da guerra anterior, as relações de gênero ainda sim continuavam frígidas no tocante às atividades desempenhadas por homens e mulheres. Essa ideia por trás dos papéis sociais se liga diretamente com a cultura do gênero em relação à um sexo específico onde teoricamente, ser do sexo feminino predispõe qualidades e habilidades específicas que se relacionam e fomentam uma identidade de gênero. Contudo, essa mudança de papéis sociais se mostra, muitas vezes, contra si mesma quando inverte esses papéis e traz as mulheres para um novo cenário em que desempenham as mesmas tarefas que homens.

Paralelo às convocações e mobilizações feitas por órgãos militares, a análise da inserção de mulheres neste campo nos evidenciou a constante fluidez de ideias em torno desta participação e como este processo pode ser considerado uma experiência não só para essas mulheres como para o órgão acolhedor em questão. Os depoimentos e documentos oficiais nos trouxeram a possibilidade de investigar as relações de poderes ali presentes e como uma aparente insegurança dos órgãos para com essas mulheres era algo comum. Enquanto alguns oficiais, por exemplo, apresentavam ideias e posições mais liberais e expansivas quanto a atuação de mulheres nas forças armadas, outros apresentavam um caráter mais conservador frente aquilo que se compreendia por “ser mulher” e por onde essas poderiam caminhar.

Consequentemente tal insegurança e dualidade, agravados ainda pela falta de estruturas básicas para alojar e treinar estas mulheres, acabaram criando um palco de experiências e de trocas culturais que analisamos aqui com base em Pierre Bourdieu e seus conceitos de campo e *habitus*. Mesmo que em seus trabalhos mais gerais Bourdieu não tenha se apropriado dos conceitos de gênero, para este trabalho a relação do campo militar e o *habitus* do mesmo nos possibilitou o entendimento mais claro do processo de treinamento e ambientação das mulheres no meio militar e o já mencionado jogo de poderes ali presente.

As mulheres que serviram às forças armadas precisaram, necessariamente, passar por treinamentos físicos, psicológicos e intelectuais, e foram submetidas às doutrinas e

disciplinas de cada força. Essa aprendizagem e capacitação vêm inserir na conduta e comportamento dessas mulheres aquilo que denominados de “*habitus militar*” – um conjunto de signos, gestos, comportamentos e doutrinas que caracterizam um campo específico e qualificam o indivíduo que atua dentro dele. No caso, para se adequarem ao ambiente militar, tais mulheres deveriam apresentar o comportamento esperado à força em questão que perpassava o uso dos uniformes, o vocabulário, os gestos e muitas vezes à forma de interpretar o mundo.

Contudo, mais do que incorporarem tal *habitus*, o que nos fica evidente é que não só elas desempenharam esse movimento de adaptação como o próprio campo militar que as recebera acabou se adequando a certas circunstâncias, adaptando-se às necessidades que surgiam com a absorção de tais mulheres. Fosse na modificação dos uniformes, nas políticas internas, com as incertezas quanto quais condutas estas deveriam ter, as formas de relacionamento entre oficiais e não-oficiais, tudo demonstra como o próprio órgão também tentava se adequar a estas mulheres.

O *habitus* nos apresenta um conjunto de características aprendido e adquirido dentro de um campo específico e, para a compreensão do que teria sido tal ingresso de mulheres nos órgãos auxiliares seria assertivo pensar que tais mulheres vêm com uma multiplicidade de identidades – cada qual com sua classe, filiação, cultura, idade, educação, etnia etc. – trazem o *habitus* pertencente ao seu campo de origem, ou aos seus campos anteriores. Suas visões de mundo por si só são díspares e, como apresentado aqui, muitas delas não teriam convivido com mulheres de trajetórias tão diferentes se não tivessem servido ao esforço de guerra.

São justamente as múltiplas identidades oriundas de culturas, campos e com *habitus* distintos que, em determinado momento, se encontram em um campo novo que pretende uma adequação desse comportamento, sob regras e doutrinamentos específicos do ambiente militar. Todavia, essa adequação não se apresenta como uma via de mão única e, durante todo o período do conflito, as relações entre mulheres, entre homens e mulheres, oficiais ou não, estão sempre em adaptação e se modificam de acordo com as necessidades mais latentes.

Ainda sobre a questão dos jogos de poder que permeiam as relações de gênero, outro ponto importante apresentado se fixa na problemática em torno da possibilidade da mulher combatente. Apesar de estarem em praticamente todas as frentes, as mulheres que serviram ao esforço de guerra britânico (assim como na maioria dos países ocidentais) estaria limitada aos serviços auxiliares não podendo atuar nas linhas de frente. Enquanto

aprendiam a atirar e eram treinadas para qualquer adversidade, o porte de arma ainda era uma questão sensível chegando até mesmo a desqualificar algumas mulheres em seus serviços, pois estas não poderiam defender o território em questão.

Em um campo congruente e convergente, ambos os órgãos (W.R.E.N. e W.A.A.F.) são estabelecidos para servirem de base à sua força particular e possuem o mesmo perfil de organização: seriam órgãos criados para assumir as atividades auxiliares e administrativas, de caráter subsidiário, de determinada força, no intuito de liberar homens que pudessem assumir o papel de combatente nas linhas de frente. Tão forte era o discurso que chamava tais mulheres para o alistamento, quanto aquele que as impedia de atuarem como combatentes. A mulher militar, como muitos se referem, que ali estava sendo formada, por vezes não era considerada “militar” – por seu treinamento distinto e por suas funções – já que estes órgãos não eram inicialmente submetidos à sua força oficialmente e por terem, de início, sido selecionadas como voluntárias.

Contudo, mesmo que a terminologia para se referir à estas mulheres não abarque por completo seu significado, é assertivo afirmar que estas passaram por treinamentos que adequassem seu comportamento aos padrões mais próximos dos órgãos em questão, analisados com base no conceito de corpos dóceis trazidos por Foucault. Ingressar nesses ambientes significaria não só um compromisso com sua função então designada mas, também, para com toda a filosofia e comportamento que sustentavam a hierarquia presente no ambiente militar.

A consciência por detrás do papel da mulher ainda era fundada em valores muito centrados na ideia de delicadeza e enraizados socialmente. A mulher combatente é algo que se contradiz com a própria essência daquilo que se entendia como *mulher* e suas *feminilidades*. A ideia por trás desta “mulher” ou “mulheres” ainda tinha bases na fragilidade, na maternidade e na proteção. Muitas mulheres eram criticadas por seguirem tropas fora de seus países, a imagem de uma mulher em combate era sempre preterida – ainda que elas estivessem nos movimentos paramilitares ou oficialmente em exércitos do leste europeu.

Desta forma, fica claro como a politização das relações de gênero, baseadas em um sistema de poder que supõe o entendimento da dualidade entre os sexos, onde o sexo masculino domina sobre o feminino, trabalha por organizar esta atuação. São as bases políticas, sempre ministradas por homens, que galgam pilares de formação destes órgãos e acabam, direta ou indiretamente, abrindo espaço para atuação destas mulheres no esforço

de guerra. Ao mesmo tempo que abrem este caminho, o controlam e o lapidam na forma de suas necessidades.

O ponto-chave do trabalho é percebido no cruzamento de fontes imagéticas e administrativas, nos depoimentos e nas imagens. Ainda que já tivessem certa perícia no que diz respeito às substituições, as forças armadas pareciam, ainda, estar em constante experimentação. Organizam tal substituição e designam funções específicas que podiam abarca-la; trabalham ao lado do departamento de comunicações com o intuito de divulgar a necessidade de recrutas mulheres para dar impulso ao esforço de guerra mas, ao mesmo tempo, não possuem estrutura e logística necessárias para recebe-las. O trato em relação à capacitação das mulheres para estes serviços não se dava tanto pelo viés do treinamento e da *práxis* e sim mais pelo lado político – por serem mulheres estariam aptas a prestarem certos tipos de serviço e outros não.

Apesar destas limitações e da característica comum das funções que assumiriam durante todo o conflito, mesmo que secundárias em caráter organizacional, estas funções não eram vistas por elas em seu sentido pejorativo – para muitas destas mulheres se apresentava uma oportunidade de mostrarem suas aptidões. Fossem secretárias, faxineiras, motoristas, decifradoras ou mecânicas de aviões, o simbolismo que permeava esta atuação, desde às convocações até o final da guerra, conquistavam a empatia feminina por servir à uma força – estando esta, sempre despreparada para recebê-las.

E durante todo o período que permeia a Segunda Guerra Mundial, vemos como o Estado e os discursos políticos são responsáveis por um alargamento e retração da atuação feminina no espaço público. Enquanto no início do conflito se restringe esta participação – fosse uma limitação por idade, conhecimento ou questão social – sua intensificação obriga o próprio Estado a romper com as concepções culturalmente enraizadas sobre as funções sociais de homens e mulheres, convocando-as para as instituições militares. Esta situação não é exclusiva da Grã-Bretanha, e países como Estados Unidos, Austrália, Canadá e Finlândia também adotaram as mesmas políticas de inclusão de mulheres em novos setores sociais e nas instituições militares – cada qual em um nível e função.

O ciclo de tal politização se encerra junto à declaração do fim da guerra. Como espécie de contrato, aquelas mulheres que se voluntariaram, se alistaram ou trabalharam nas fábricas teriam cumprido seu papel, para aquele determinado momento. O fim da guerra significou o término dos serviços das mulheres para o esforço de guerra e, enquanto nas fábricas a maioria era dispensada, nas forças armadas foram completamente desmobilizadas. Todos os órgãos auxiliares militares foram extintos a partir de 1945 e

muitos só voltariam a aparecer décadas à frente a não ser no caso da Aeronáutica que, reconhecendo certos déficits de pessoal e o desempenho das mulheres que serviram no W.A.A.F. reativa, em 1949, o W.R.A.F. *Women's Royal Air Force* – mesmo nome daquele formado para a Primeira Guerra.

Todavia, salvo o exemplo anterior, todos os órgãos têm seu fim no ano de 1945 e a maioria das mulheres que ali serviram retornariam às suas casas e seriam relegadas à sua posição social anterior. As mesmas políticas que as convocam, treinam e encorajam, são as mesmas que as realocam socialmente. O jogo das políticas de gênero e seus respectivos papéis sociais se assemelha na Segunda Guerra aos moldes daquilo que a Primeira Guerra Mundial já evidenciara e justamente por esse fim, muitos teóricos questionam a influência de tal participação nas políticas posteriores de inclusão social das mulheres.

Entretanto, apesar do foco do trabalho não se prender no pós-guerra e sim nas relações presentes durante o conflito, a relevância que o estudo sobre as relações de gênero traz para a análise da participação e das funções sociais das mulheres na guerra nos pareceu, essencial. No prelúdio das convocações e ainda, nas lembranças do imaginário de uma guerra anterior, a movimentação social em torno da mobilização de mulheres para o esforço de guerra, em meados de 1939, se mostrou tanto um incômodo quanto um ato visionário, ainda que não se possa negar os impactos que esta participação trouxe para a perspectiva social sobre as mulheres nos anos seguintes.

## BIBLIOGRAFIA

\_\_\_\_\_. New York Times. Disponível em: <file:///C:/Users/anaclaudia/OneDrive/Documentos/FONTES%20DOCUMENTOS%20OFICIAIS/105746425%20NYTimes.pdf>.

\_\_\_\_\_. Royal Air Force Museum. Women's Auxiliary Air Force (WAAF) – 1939-1949. Artigo disponível em: <http://www.rafmuseum.org.uk/research/online-exhibitions/women-of-the-air-force/womens-auxiliary-air-force-waaf-1939-1949.aspx>.

\_\_\_\_\_. War Stories – The Despatch Rider & The WREN. Produção: Pete Bleakley. Documentário, 43'20". NvTv, 2008. Disponível em: <http://archive.northernvisions.org/specialcollections/war-stories-the-despatch-rider-the-wren/>.

\_\_\_\_\_. The Women's Auxiliary Air Force and The Battle of Britain. The Military History Review. Artigo online. Disponível em: <http://www.military-history.org/articles/the-womens-auxiliary-air-force-waaf.htm.n>.

BADER-ZAAR, Birgitta. Controversy: War-related Changes in Gender Relations: The Issue of Women's Citizenship. In: International Encyclopedia of the First World War. Disponível em: [http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/ControversyWar-related\\_Changes\\_in\\_Gender\\_Relations\\_The\\_Issue\\_of\\_Womens\\_Citizenship](http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/ControversyWar-related_Changes_in_Gender_Relations_The_Issue_of_Womens_Citizenship). Acessado em 27 de Novembro de 2014.

BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro. Mulher e Relações de Gênero. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

BRODY, J. Kenneth. The Avoidable War: Pierre Laval and the Politics of Reality, 1935-1936. Transaction Publishers: New Jersey, 2000.

CHIARENZA, Baraba. Gender in War. Sarajevo: Buy Book, 2006.

CRAGGS, Tracy. Fulfilling a Need – The Role of The Women's Royal Naval Service. Artigo online disponível em: <http://war-experience.org/history/keyaspects/wrns/default.asp>.

DUBY, G. PERROT, Michelle. História das Mulheres No Ocidente. O Século XIX. Vol. 4. Porto: Afrontamento, 1991.

ESCOTT, BERYL E. The WAAF: a history of the women's Auxiliary Force in the Second World War. Buckinghamshire, Reino Unido: Shire, 2011.

FLETCHER, M. H. The WRENS – A History of the Women's Royal Navy Service. B. T. Batsford: Londres, 1989.

FRANCIS, Diana. Gender, War and Conflict Transformation. Publicado em: <http://www.opendemocracy.net>.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979.

GRAYZEL, Susan. Women's Mobilization for War. Disponível em: [http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/Womens\\_Mobilization\\_for\\_War](http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/Womens_Mobilization_for_War).

HACKER, Barton; VINING, Margaret. A Companion to Women's Military History. Boston: Brill Academic Publishers, 2012.



- HART, Robert A. Did British Women Achieve Long-Term Economic Benefits from Working in essential WWII Industries? Universidade Stirling. Alemanha. Fevereiro de 2009. Disponível em: <http://ideas.repec.org/p/iza/izadps/dp4006.html>.
- HICKES, Mary. Mary's Memoirs – A WAAF in War Time. BBC Artigo online: A7881807. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/history/ww2peopleswar/stories/07/a7881807.shtml>.
- HIGGONET, Margareth. Behind The Lines: Gender and the Two World Wars. Londres: Yale University Press, 1987.
- HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- <sup>1</sup> KING, Angela. The Prisoner of Gender: Foucault and the Disciplining of the Female Body. *Journal of International Women's Studies*, 5 (2), 29-39. p. 30. Disponível em: <http://vc.bridgew.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1532&context=jiws>.
- LAMB, Christian. I only Joined for the Hat. Londres: Bene Factum Publishing, 2007.
- LESPINOIS, Jerome. A Batalha da Inglaterra. Edições Texto&Grafia: Lisboa, 2011
- LOPES, Christiane M. A Mulher na Era Vitoriana: Um Estudo da Identidade Feminina na Criação de Thomas Hardy. Dissertação de mestrado. UFPR. Curitiba: 1986.
- MASON, Ursula S. Britannia's Doughters – The Story of the WRNS. Pen&Sword: Barnsley, 2011.
- MAZON, Tony, RIEDI, Eliza. Sport and the Military: The British Armed Forces 1880-1960. Nova York: Cambridge University Press, 2010.
- NICHOLSON, Virginia. Single Out – How Two Million Women Survived Without Men After the First World War. Londres: Penguin Books, 2008
- NIEMEYER, F. KRUSE, M. Constituindo sujeitos anoréxicos. Dissertação de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. 9 páginas. Artigo disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72163/000679711.pdf?sequence=1>.
- PEDRO, Joana Maria. As Guerras nas Transformações das Relações de Gênero: entrevista com Luc Capdevila. Revista de Estudos Feministas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. VI.13, n.1 Jan/Abr 2005.
- PELEGRINI, M. Foucault, Feminismo e Revolução. Artigo digital disponível em: <[http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342407030\\_ARQUIVO\\_MauricioPelegriani-Anpuh2012.pdf](http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342407030_ARQUIVO_MauricioPelegriani-Anpuh2012.pdf)>. Acessado em: 10 de Julho de 2013. Página 2.
- PETERS, Yvonne. Have you got the Irons? It's a WAAF's Life. Norwich: Greenridges Press, 2004.
- PINHO, L. C. As tramas do discurso. In: Castelo Branco, G.; Baêta Neves, L. F.. (Org.). Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência. Londrina/Rio de Janeiro: Nau, 1998.
- QUÉTEL, Claude. As Mulheres na Guerra. 1939-1945. Larousse do Brasil: São Paulo, 2009. V.2.
- ROSS, Stewart. Women's War – At Home in World War Two. Londres: Evans Brothers, 2007.
- RYCHTER, Danielle R. (org.). O Gênero nas Ciências Sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour. São Paulo: ed. Unesp, 2014.

SENKEVICS, A. “Ensaio de Gênero”. Sexo é natural; Gênero é cultural? Um diálogo entre Joan Scott e Judith Butler. Artigo Digital disponível em: <http://ensaiosdegenero.wordpress.com/tag/michel-foucault/>. Acessado em: 10 de Julho de 2013.

SCOTT, J. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. Disponível em: [http://www.4shared.com/document/XCWKugpJ/joan\\_Scott\\_-\\_Gnero\\_uma\\_categoria.htm](http://www.4shared.com/document/XCWKugpJ/joan_Scott_-_Gnero_uma_categoria.htm) Acessado em: 20 de Setembro de 2010.

SOIHET, Raquel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

STONE, Tessa. Creating a (Gendered?) Military Identity: The Women’s Auxiliary Air Force in Great Britain in the Second World War. In: Women’s History Review, Volume 8, Number 4, 1999.

SWAIN, T. Quem tem medo de Foucault? Feminismo, Corpo e Sexualidade. Artigo digital disponível em; < <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAA6yQAJ/quem-tem-medo-foucault-feminismo-corpo-sexualidade>>. Acessado em 10 de Julho de 2013.

TURNER, John F. The WAAF at War. Barnsley: Pen&Sword, 2011

WALLACE, Jean. Recollections of a servicewoman in the Women’s Auxiliary Air Force During the Second World War.

WOOLF, Virginia. A Room of One’s Own. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 1989. p.88.